

Yomar Desterro e Silva

Uma família
Ferreira
e o Amazonas

Coleção Cadernos da Amazonas

Manaus - Am

2007



*Uma família
Ferreira
e o Amazonas*



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS

Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

Robério Braga

SECRETÁRIAS EXECUTIVAS

Mimosa Paiva

Elizabeth Cantanhede

ASSESSOR DE EDIÇÕES

Antônio Auzier

**Secretaria de
Estado de Cultura**

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 - Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633.2850 / 3633.3041 / 3633.1357

Fax.: (92) 3233.9973

E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br

culturadoam.blogspot.com

[facebook.com/culturadoamazonas](https://www.facebook.com/culturadoamazonas)

www.culturamazonas.am.gov.br

Yomar Desterro e Silva

Uma família
Ferreira
e o Amazonas



Copyright © 2007
Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Antônio Auzier Ramos

PROJETO GRÁFICO
KintawDesign

CAPA
Fred Teixeira

REVISÃO
Cláudia Adriane Souza

FICHA CATALOGRÁFICA
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287


S586f Silva, Yomar Desterro e.

Uma Família Ferreira e o Amazonas. / Yomar Desterro e Silva.
Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado
da Cultura, 2007.

160 p. (Coleção Cadernos da Amazônia)

1. Histórias de Famílias – Amazonas (Estado) I. Título.


CDD 929.2811
22. ed.



Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo Governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

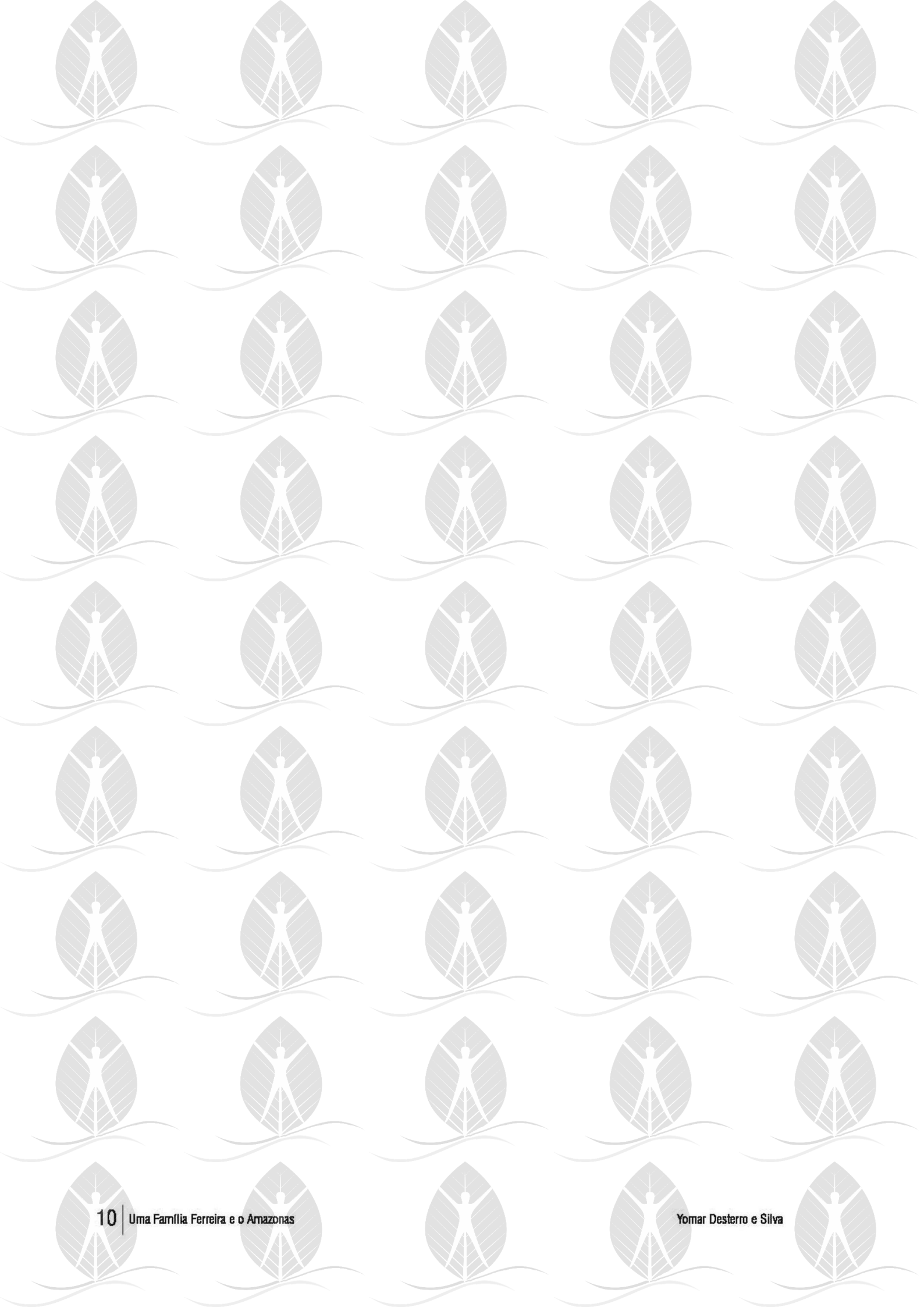


*Presto, com este livro, uma homenagem a
Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e
Silva, minha eterna e inesquecível esposa-
namorada, razão dos meus momentos
felizes.*

O Autor

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| PRIMEIRAS PALAVRAS | 11 |
| O COMEÇO | 13 |
| MARÇAL GONÇALVES FERREIRA | 23 |
| LIBÂNIA THEODORA RODRIGUES FERREIRA | 39 |
| AUGUSTO OLAVO RODRIGUES FERREIRA | 45 |
| JOAQUIM ANSELMO RODRIGUES FERREIRA | 51 |
| MARIA DA GLÓRIA FERREIRA THAUMATURGO DE AZEVEDO | 53 |
| JOSÉ MARIA RODRIGUES FERREIRA | 61 |
| ALINA ANEZIA MARÇAL FERREIRA RIBEIRO DA COSTA | 67 |
| ESCOLA MUSICAL "ANNA CAROLINA" | 71 |
| IDALINA CÂNDIDA DE CARVALHO FERREIRA | 81 |
| ALINA MARÇAL DE CARVALHO FERREIRA | 95 |
| FRANCISCO XAVIER/MARIA REGINA FERREIRA XAVIER | 107 |
| MARIA IZABEL FERREIRA XAVIER DESTERRO E SILVA | 113 |
| REFERÊNCIAS | 160 |

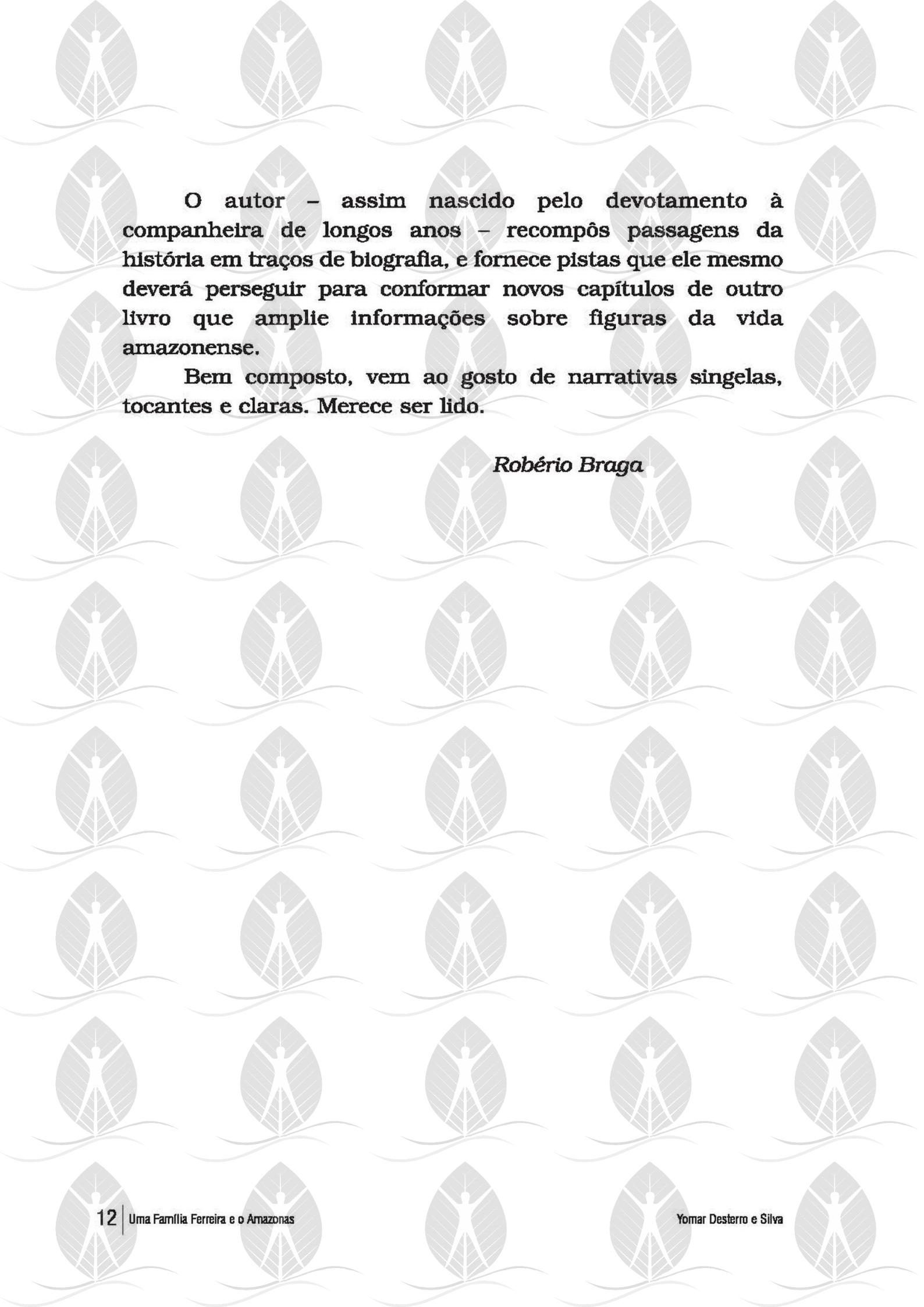


PRIMEIRAS PALAVRAS

Vêm a público, nas edições Governo do Estado sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, com o presente livro, revelações da história mais íntima da sociedade amazonense contadas a partir dos seus primórdios, porque recupera a vida e a trajetória de famílias que se entrelaçam no correr dos anos, desde o casal Marçal Ferreira e Libânia Ferreira, a quem se consagra a honra de ter sido a primeira professora instalada na província do Amazonas pelos anos de 1852, tempos inaugurais da autonomia política amazonense.

Ao mesmo tempo é um livro de memórias – amorosas memórias de felicidade familiar e social – a serviço das causas artísticas e sociais da cidade de Manaus, vividas com esplendor familiar por Yomar Desterro e Silva e a pianista e professora Maria Izabel Desterro e Silva, cujo exemplo levou o governo a instituir, recentemente, um concurso anual para pianistas, de modo a estimular novos concertistas na carreira que tem sido honrada também por outros grandes amazonenses como Lindalva Cruz, Arnaldo Rebello, Ivete Ibiapina, Marineuza Abecassis e a larga tradição da família Ferreira.

Lança-se uma obra, estimula-se um pesquisador da história social e política, reanima-se um conceituado cidadão, mas, sobretudo, abre-se ao conhecimento das novas gerações exemplos de vida que dignificam e podem muito bem servir de norte para os que começam a carreira no magistério e nas artes.



O autor – assim nascido pelo devotamento à
companheira de longos anos – recompôs passagens da
história em traços de biografia, e fornece pistas que ele mesmo
deverá perseguir para conformar novos capítulos de outro
livro que amplie informações sobre figuras da vida
amazonense.

Bem composto, vem ao gosto de narrativas singelas,
tocantes e claras. Merece ser lido.

Robério Braga

O COMEÇO

O ano de 1851 é o marco de uma história – a bela história da FAMÍLIA FERREIRA – transmitida de geração a geração e registrada em inúmeros documentos, fotografias e objetos, alguns deles mantidos intactos, pois nem o tempo conseguiu deteriorá-los.

Não há como duvidar-se haver sido uma verdadeira epopéia a viagem, até Manaus, então Villa da Barra, de MARÇAL RODRIGUES FERREIRA e LIBÂNIA THEODORA RODRIGUES FERREIRA, acompanhados de João Antônio Pará, irmão de D. Libânia.

Basta, para assim concluirmos, que reflitamos sobre a Amazônia de ainda hoje, mais de um século e meio depois, onde sua verdadeira continentalidade geográfica e seus mistérios permanecem oferecendo desafios.

Basta, sim, que pensemos como ela seria naquele passado longínquo, se ainda agora nossos caboclos são homens solitários, sem sonhos nem ilusões, nos seus tapiris tão distantes uns dos outros, conduzindo frágeis embarcações, simples igarités que balançam ao sabor das águas, fazendo dos rios, lagos e igarapés as suas ruas, com as árvores que os margeiam servindo-lhes de calçadas, calçadas verdes.

Basta que meditemos acerca da densidade das matas e do seu eterno silêncio, ora aquele “*silêncio calado*” de que nos

fala Clarice Lispector, um silêncio de noites úmidas; ora o “*silêncio gritável*”, de Guimarães Rosa, quando os rios se rebelam e, estourando em pororocas, derrubam barrancos e carregam, de roldão, “terras caídas” para o mar infinito.

A viagem de Belém a Manaus teve uma longa duração, superior a três meses e foi realizada em uma “coberta” – assim chamada a embarcação que transportava passageiros – denominada “Triumpho”. Não seria estranho ou indevido se em seu casco estivesse gravada a palavra “Coragem”.

Tratava-se de um barco a vela, pois não havia, então, trânsito de navio a vapor entre as duas cidades, o que somente passou a existir a partir do ano de 1853 – segundo informa o historiador Pontes Filho, em sua obra “*Estudos da História do Amazonas*” – após a criação da Companhia de Navegação e Transportes do Amazonas. Essa empresa, que monopolizou a navegação entre Belém e Manaus durante vários anos, foi criada pela Lei 1037, de 10 de agosto de 1852 e resultou de convite feito pelo governo a Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá. É fato que, já em 1843, aportara em Manaus o navio a vapor “Guaplaçu”, ou “Guapiassu” (há registros diferentes, entre historiadores, sobre a sua grafia) que, entretanto, compunha a frota imperial, não se destinando ao uso das populações. Bem antes, ainda, de Lopes Filho, já em 1983 o respeitável escritor Genesisino Braga relata, com sua redação escorreita, na obra “*Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem*”, prefaciada por Câmara Cascudo, que o primeiro navio mercante a aportar no Amazonas foi o “*Marajó*”, no dia 11 de janeiro de 1853, comandado pelo 1.º tenente da Armada, Francisco Paraibuna dos Reis. Ele chegou ao porto de Manaus às vinte e duas horas, após uma longa espera, durante todo o dia, das autoridades do Estado e do povo que se acotovelava nos Remédios, na Campina e em São Vicente, inclusive com fogos

de artifício. Todos, entretanto, já haviam abandonado o porto, dada a escuridão da noite, quando *“o Marajó entrou soberbo, os faróis de navegação colorindo apoteoses sobre as ondas, que se afastavam, rolavam e se espojavam, umas nas outras, como em carícias lúbricas de amantes, à passagem do monstro resfolegante.”*

De acordo com documento que faz parte do acervo da *Família Ferreira*, Marçal Gonçalves Ferreira, Libânia Theodora R. Ferreira e João Antônio Pará vieram para “um baptizado em Serpa”. Nele está registrado que Marçal e João Antônio trouxeram casacas; e a D. Libânia, um vestido de gorgorão de seda lanada. Não existe, porém, qualquer informação sobre de quem seria esse batizado.

Chegando em Manaus, ao ser transportada, em uma canoa, do barco para o porto, D. Libânia caiu duas vezes no rio. Mesmo com esses dois mergulhos e havendo batido a cabeça na canoa, conseguiu manter em suas mãos algumas “imitações” e um broche, voltando à tona com esses objetos. Esse fato, apesar de tão simples, já revelava ser ela uma mulher segura de si, capaz de vencer obstáculos.


O casal passou a residir definitivamente em Manaus, onde teve 11 filhos, dos quais 8 sobreviveram, visto que dois nasceram mortos e uma filha, chamada Aninha, nascida em 11 de julho de 1872, teve poucos meses de vida, havendo falecido a 11 de fevereiro de 1873. Eram os seguintes os oito filhos sobreviventes; Virgilina; Joaquim Anselmo; Augusto Olavo; Virgínia Marçal; Emília; Maria da Glória; José Maria; e Alina Marçal.

João Antônio Pará também fixou residência no Amazonas. De acordo com Carta Patente expedida em 02 de dezembro de 1854, ele foi promovido de 1.º sargento para Alferes da Companhia de Reserva de Guardas Nacionais, por merecimento. Essa Carta Patente, concedida com base no

Art. 48 da Lei n.º 642, de 19 de setembro de 1850, foi lavrada por Herculano Ferreira Pena, “do Conselho de S. M. Imperador, Comendador da Ordem da Rosa, Senador do Império, Diretor Geral das Rendas Públicas, Membro do Tribunal do Tesouro Nacional e Presidente da Província do Amazonas.”

Documento hoje de considerável importância, tanto pela sua existência há mais de 150 anos, como, principalmente, pelo seu valor histórico, é uma relação escrita, do próprio punho, por D. Libânia, na qual ela menciona todas as famílias que encontrou em Manaus, quando aqui chegou, em 1851, a maioria apenas pelo nome ou sobrenome. São elas:

Família do Cascaes
José Casemiro F. do Prado
Bartholomeu F. do Prado
Pedro Maia
João Ignacio
Padre João
As Lopes
Falcão
Dantas
Dr. Carneiro (Juiz de Direito)
Maximiano de Paula Ribeiro
Gabrielle Ribeiro Guimarães
João Manuelino
O Velho Alexandrino
Clementino
Governador Victorio
Maquiné
Simpson
As Silvas



**Hermes
Motta
O Capitão Fleuri
Beatancourt
C. Pinto
Brandão
O Antony
Pereira Carneiro
O Langlogrie
O Camarão
O Pucú
O Barroso
O Pedro Pinheiro
Francisco Pinheiro
O Serrão
D. Maria Felícia
José Fernandes
C. Guilherme
Joaquim Horta
Martiniano Anjos
Senhora Corrente
Bernardo Silva
Joaquim Comprado
João Gyronimo
Piranga
O Velho Benzecry**

Ao confrontar-se os nomes que se encontram na relação levantada pela D. Libânia com os dos signatários da Ata de Instalação da Província do Amazonas, em 1 de janeiro de 1852, é possível determinar-se os nomes completos de alguns deles, inclusive, quando é o caso, com as funções que exerciam.

O resultado dessa apuração é o abaixo:

José Casemiro F. do Prado

José Cazemiro Ferreira do Prado – Delegado de Polícia

João Ignacio

João Ignacio Rodrigues do Carmo – Vice-Presidente e Presidente da Câmara Municipal

Padre João

Padre João Antônio da Silva - Vigário

Falcão

Capitão Manauel da Costa Falcão e Brito

Maximiniano de Paula Ribeiro

Juiz Municipal e Orfãos

O Velho Alexandrino

Alexandrino Magno Taveira Pau Brasil – Vereador da Câmara e 3º Suplente do Delegado

Clementino

Clementino José Pereira Guimarães – Secretário da Câmara Municipal

Simpson

Pedro Luiz Simpson

O Capitão Fleury

João Fleury da Silva – Vereador e 1º Suplente do Delegado

Beatancourt

Alferes José Fernando Ribeiro Bittencourt

Brandão

Antônio José Brandão ou Sabino Antônio Brandão

O Antony
Henrique Antony

O Pedro Pinheiro
Pedro Mendes Gonçalves Pinheiro

O Guilherme
Guilherme Antônio de Sá

Joaquim Horta
Joaquim d'Oliveira Horta

Há um fato curioso que, no decorrer deste livro, poderá ser observado: era hábito na família, a partir do casal Marçal/Libânia, repetir nomes de seus componentes. Várias vezes são identificados os nomes *Marçal*, *Alina* – principalmente estes – *Idalina e Augusto Olavo*.

De outro lado, também se verifica que Maria Izabel Desterro e Silva, bisneta do casal, tem como avó paterna uma senhora portuguesa de nome Izabel; e, ainda uma filha, Isabel Cecília (Cecília foi acrescentado como homenagem à Santa Cecília, padroeira da Música), esta que, por sua vez, tem uma filha chamada Isabelle. Há, também, uma bisneta do Sr. Marçal e D. Libânia, filha de Emanuel Rodrigues Ferreira, chamada Idalina Maria; e uma trineta, filha de Francisco Xavier Filho, com o nome de Isabel Regina.

O nome “Triunfo” do barco a vela que trouxe a Manaus os primeiros membros da *Família Ferreira* tem o sentido, hoje, conforme se observa, de uma verdadeira predestinação, porque tanto o casal Marçal/Libânia, como vários dos que o sucederam, fizeram do Triunfo a marca mais determinante de suas vidas pessoais, de sua família e do Amazonas.

Em 1851 cheguei aqui em Manaus
 do Rio Negro e encontrei
 havia as seguintes famílias
 Moravam em Manaus
 Família de Cascaes
 Jose Casemiro F. de Souza
 Theodorico F. de Souza
 Pedro Manoel de Souza
 Joao Ignacio de Souza
 Padre Joao de Souza
 do Lopes
 Filhas
 Dantas
 Da Carneiro
 Maximiano de Souza
 Gabrielle Ribeiro
 Joao Machado
 O Felis

Relação escrita por D. Libânia Theodora, das pessoas e famílias que encontrou em Manaus, quando chegou no ano de 1851.

~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama} ~~margem do Rio~~ ^{margem do Rio}
 Governador ~~Victoriano~~ ^{Victoriano} ~~de~~ ^{de}
~~Sergipe~~ ^{Sergipe} ~~Brasil~~ ^{Brasil}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}
~~de~~ ^{de} ~~Amatuzama~~ ^{Amatuzama}

Francisco Pinheiro
O. Soares
D. Maria Felicia
Jose Fernandes
C. Guilherme
Joaquim Costa
Martimiano Ayres
Lucia Lourenço
Bernardo Silva
Joaquim Compadre
João Hieronimo
Frisanga
O. Belles Saucy.



MARÇAL GONÇALVES FERREIRA

Patriarca da Família Ferreira

Natural de Portugal, residiu em Belém, Pará, onde exerceu a profissão de alfaiate e contraiu matrimônio com Libânia Theodora Rodrigues Pará.

Ao chegar em Manaus, instalou uma alfaiataria, na qual teve rápido sucesso.

Revelou, em pouco tempo, ser um homem de larga visão e apurado tino para negócios, ao montar uma indústria de roupas, onde eram confeccionados blusões e calças de algodão, utilizados no interior amazônico. Marcando sua vida, assim, como o primeiro industrial do Amazonas, é válido refletir-se sobre o quanto essa indústria representou para a incipiente cidade – *“ainda iluminada à manteiga de tartaruga, peixe-boi, jacaré e outros azeites regionais”*, segundo Clóvis dos Reis Lobo,

em *“Amazonas sua História”* – e sobre os obstáculos que teve de vencer para trazer à Manaus de então o equipamento necessário e demonstrar aos seus funcionários e à própria população as vantagens de uma produção em série.

Com essas atividades, Marçal G. Ferreira cedo amealhou consideráveis recursos, com os quais adquiriu vários imóveis.

Entre as propriedades de que se tem notícia, constam uma bela casa no centro da cidade, onde morava; e um amplo terreno cuja área hoje corresponde ao trecho entre as Rua Dez de Julho e 24 de Maio e Rua Costa Azevedo até a Avenida Getúlio Vargas. Nele havia uma casa, onde a família passava suas férias e fins de semana, por ela denominada de “A Chácara”.

Atualmente, entre diversos outros imóveis, existe uma pequena casa situada no número 278 da Rua Costa Azevedo (anteriormente “Rua Feliz Lembrança”), onde residiu um neto do casal, José Marçal, filho de D. Virgínia Ferreira Cabral dos Anjos, conhecida como “Nenê” e de João Cabral Ozório dos Anjos, Comendador da Ordem de Cristo. José Marçal presidiu a Bolsa de Valores do Amazonas e era conhecido desportista. Até há bem pouco tempo seus descendentes permaneceram morando nesse imóvel, que hoje faz parte do conjunto arquitetônico existente no Largo de São Sebastião.

Consoante se vê na planta apensa – guardada, pela família, com especial cuidado - esse terreno, denominado “Vila Marçal”, foi, no ano de 1906, após o Sr. Marçal e D. Libânia haverem falecido, dividido em 32 lotes, distribuídos entre seus descendentes. Abrange, até hoje, quatro quadras e contém duas ruas, espécie de travessas, com 8 metros de largura, como era comum na época: Rua Marçal, no sentido Costa Azevedo e Avenida Getúlio Vargas, que veio a ser também conhecida como “Beco J. G. Araújo”; e Rua D. Libânia, que inicia na Rua Dez de Julho e finaliza na Rua 24 de Maio.

Em 13 de dezembro de 1906, a Secretaria da Superintendência Municipal do Estado do Amazonas (que hoje corresponde à Prefeitura Municipal de Manaus) expediu o ofício transcrito a seguir, em sua grafia original, comunicando a aprovação do traçado dessas ruas:

Exmº Snr. Dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira e mais herdeiros de Marçal Gonçalves Ferreira e D. Libânia Theodora R. Ferreira.

Tenho a satisfação de comunicar a V. Exas. que nesta data o Exmº Snr. Cel. Superintendente aprovou o traçado das ruas “Marçal” e “D. Libânia” na Villa Marçal e manda que agradeça a Vs. Exas., em nome do Município, a valiosa oferta que fizeram à cidade de Manaós.

*Cumprindo esse dever
Saudo a V. Exas.
Thaumaturgo Vaz*

No ano de 1957 houve uma tentativa de substituir o nome de “Rua Marçal” para “Rua Professor Gilberto Mestrinho”.

Tal iniciativa, no entanto, não prosperou. Sobre a ocorrência, registrou o “Jornal do Commercio”, em sua edição de 07 de junho de 1957:

DESRESPEITO AO ACÔRDO FIRMADO NO ANO DE 1906

Querem o nome da rua Marçal – Protesto dos seus moradores.

Soube a reportagem do JORNAL DO COMMERCIO que é pensamento de um vereador trabalhista

apresentar um projeto de lei, mudando o nome da Rua Marçal (seguimento da José Clemente, da praça de São Sebastião a avenida Getúlio Vargas) para “Professor Gilberto Mestrinho”.

Acentua-se que a Rua Marçal (antiga propriedade da família Marçal) foi doada, em 1906, à Prefeitura de Manaus, com a condição de conservar o referido nome, daí por que não deve um dos representantes do povo desta cidade precipitar-se no seu desejo de homenagear o Sr. Gilberto Mestrinho.

Soubemos, também, que os moradores da rua acima referida estão dispostos a dirigir-se à Câmara Municipal reclamando respeito ao nome atual da artéria.

A cidade se restringia, nessa época, à área próxima ao porto e à que hoje é considerada Centro Histórico de Manaus. No atual Largo de São Sebastião – que mereceu, ultimamente, elogiáveis ações visando ao resgate de suas tradições históricas – ainda não haviam sido erigidos a Igreja de São Sebastião e o Teatro Amazonas, inaugurados em 1888 e 1896, respectivamente; e o Monumento dedicado à Abertura dos Portos passou a existir apenas no ano de 1900. Até mesmo uma coluna comemorativa que antecedeu esse Monumento foi inaugurada somente em 7 de setembro de 1867.

Na realidade, tratava-se de um lugar ermo e distante, pois, conforme este trecho do livro *“Um olhar pelo passado”*, de autoria de Bento Aranha, publicado em 1897 e transcrito pela historiadora Etelvina Garcia, em sua obra *“Manaus – Referências da História”*.

Era cortada a cidade da Barra (...), ao Norte pelo igarapé da Castelhana, que desagua no da Cachoeira Grande e pelo dos Remédios (Aterro), no lugar denominado Mocó, cujas águas lançam-se no Rio Negro. Este último igarapé dividia o bairro dos Remédios.

Ao Occidente o igarapé da Cachoeira Grande limitava a cidade, e entre elle e o do Espírito-Santo corriam os igarapés de S. Vicente, cuja fonte estava situada na extrema Occidental da rua da Palma, hoje denominada Saldanha Marinho; e o da Bica, seu afluente, que nasce na rua 10 de Julho, ainda não existente nessa epocha, e cujo leito se estende ao longo do largo da Polvora, formando com o igarapé da Cachoeira Grande o arrabalde denominado Cornetas e Sacco do Alferes. Abaixo do igarapé de S. Vicente desaguava no Rio Negro um outro que denominava-se de Seminário, cuja nascente era na rua Brazileira, tendo sido transformado depois na praça da Imperatriz.

Esses dois igarapés formavam o bairro de S. Vicente, assim como o do Seminario e o do Espírito-Santo o bairro que tomava deste o nome. O igarapé de São Vicente lança-se por duas boccas no Rio Negro e forma a ilha de S. Vicente, onde se acha installada a enfermaria militar. Também desagua no mesmo rio o igarapé do Espírito-Santo, cuja nascente estava proxima do lugar onde se acha edificado o theatro.

Muito embora não existam documentos disponíveis para comprovar esse fato, mas diante de comentários em família e pelo que é possível concluir-se da leitura de algumas cartas trocadas entre seus descendentes, o Sr. Marçal foi também proprietário da Ilha de Monte Cristo, em Manaus.

No centro urbano, mesmo dois anos depois em que Marçal Gonçalves Ferreira chegara em Manaus, existiam apenas 243 casas, das quais 122 eram cobertas de palha, segundo relata o emérito Prof. Agnello Bitencourt, em sua obra *“Fundação de Manaus – Pródornos e Seqüências”*.

Ainda no mesmo livro, o inesquecível historiador transcreve informação de Lourenço da Silva Araújo e Amazonas, em seu *“Dicionário Topográfico, Histórico e Descritivo”* da Comarca do Amazonas, publicado no Recife, em 1852, pela qual se tem notícia de que somavam apenas 8.500 os habitantes, sendo 4.080 indígenas; os demais eram brancos, mamelucos, mestiços e escravos. Registre-se que existe uma discrepância quanto à data desse documento, visto que, em seu livro *“Uma Introdução à História do Amazonas”* o escritor Manuel Callado assevera ser de 1850 o mencionado Dicionário.

Com o decorrer do tempo e o natural crescimento da cidade, as autoridades passaram a preocupar-se com a sua organização, da qual Marçal G. Ferreira foi chamado a participar. Assim é que, em sessão extraordinária realizada em 15 de setembro de 1881, a Assembléia dos Deputados decidiu: *“O Presidente da Província é autorizado a contratar com Marçal Gonçalves Ferreira, ou com quem mais vantagens oferecer, a organização de uma empresa predial encarregada de construir nesta Capital e seus subúrbios, prédios urbanos de todo gênero.”*

Participação na Sociedade Beneficente Portuguesa

Não se atendo exclusivamente a seus negócios, Marçal Gonçalves Ferreira teve destacada posição na sociedade local, desempenhando permanentes atividades em prol da cidade e sua população.

No ano de 1973, em comemoração ao primeiro centenário de instalação da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa do Amazonas, sua Diretoria editou um livro, de considerável valor para a história do nosso Estado, registrando o que denominou “Flagrantes Históricos”.

Nesta obra estão integralmente transcritas as primeiras atas da Sociedade. Na Ata n.º 1, relativa à sua Sessão Preparatória, datada de 12 de outubro de 1873, é registrada a presença de Marçal G. Ferreira como um dos 70 fundadores da entidade. Dias após, em 26 de outubro, na terceira Sessão Preparatória, foi procedida a eleição da primeira Diretoria da Beneficente Portuguesa, na qual ele foi eleito para a função de Mordomo, com 21 votos das 22 cédulas recolhidas. Tomou posse, com toda a Diretoria eleita, na Sessão de Instalação efetivada em 31 de outubro do mesmo ano, dia bastante significativo para a colônia portuguesa no Amazonas, pelo fato de nele ser comemorado o aniversário natalício de D. Luiz I, rei de Portugal.

Marçal Ferreira e a Maçonaria

Registro especial merece, igualmente, sua presença na Maçonaria, havendo ele sido um dos membros fundadores da primeira Loja Maçônica do Estado do Amazonas, a Loja “Esperança e Porvir n.º 1”, fundada em 1870 e ainda hoje funcionando, com sede na Rua Bernardo Ramos, Centro, nesta Capital. Participou de sua primeira direção, exercendo o

cargo de “1.º Experto”; e a ela se dedicou, empenhadamente, durante toda a vida.

Atuação na abolição da escravatura

De espírito voltado às liberdades civis, Marçal G. Ferreira desempenhou um relevante papel na luta pela abolição da escravatura no Amazonas, que teve início em 1864, conforme o respeitado historiador Antônio José Souto Loureiro, em sua excelente obra “*O Amazonas na Época Imperial*”, quando os chamados “Africanos Livres” ganharam a cidadania brasileira.

Aliando-se aos que encetavam um consistente, corajoso e belíssimo trabalho com o intuito de abolir a escravatura negra, para o qual contaram com o apoio dos governantes de então, Marçal G. Ferreira participou da “Sociedade Emancipadora Amazonense”, criada em 1870, sob a égide da Loja Simbólica “Esperança e Porvir”. Essa Sociedade foi a primeira das várias entidades nascidas com o objetivo de promover a libertação dos escravos, inclusive realizando a compra dos mesmos, exclusivamente para alforriá-los.

Em seus livros “*A História do Amazonas*” e “*Escravidão - O Amazonas e a Maçonaria Edificaram a História*”, Abrahim Baze informa que Marçal Gonçalves Ferreira “*esteve ligado ao movimento da abolição da escravatura no Amazonas, com generosas doações para a compra de alforrias*”.

Em inequívoca demonstração de sua capacidade como apreciador da arte musical, mantinha, permanentemente, reserva no Teatro Municipal do Rio de Janeiro para as temporadas de ópera realizadas naquela casa de espetáculos.

Sereno e consciente nos seus atos, tinha, ainda, como aspecto destacado de sua personalidade, o de prevenir-se de fatos esperados, como os dois exemplos mencionados a seguir,

nos quais demonstra sua preocupação pela tranqüilidade e bem-estar de sua família.

O primeiro deles é que mantinha, no Rio de Janeiro, reserva de um jazigo no Cemitério do Caju. Lamentavelmente, não se tem notícia se esse jazigo abrigou o seu corpo, ou a que pessoas esse túmulo veio a servir.

O segundo fato foi a carta que dirigiu à sua mulher, D. Libânia, de Belém, Pará, no dia 4 de Abril de 1897, transcrita abaixo, tal como foi redigida.

Libânia,

A nossa pequena fortuna está livre de qualquer compromisso e nem devemos a ninguém. Todos os títulos dos nossos haveres estão em poder do nosso bom amigo e Procurador Senr. Antonio Alves Braga, como se ve pela relação junta assignada por elle e por mim tendo elle em seo poder outra igual. Os nossos negocios tem sido geridos pela Casa Braga Vintilart & Cia. e o digno socio da mesma o nosso bom amigo Sr. Migueis, como encarregado da escrita da casa está abilitado a dar todas as explicações ou documentos sobre os nossos referidos negocios. Grande satisfação acompanha-me por deixar inteiramente livre de devida, ou outro qualquer compromisso o pouco que possuímos e o que desejo e ispero é que os nossos filhos te deixem o usufruto de tudo o que possuímos em quanto viveres. Pará, 4 de abril de 1897.

Marçal Gonçalves Ferreira.

Apesar de alguns componentes da Família Ferreira terem informação de que o falecimento do Sr. Marçal ocorreu em 13

de dezembro de 1898, há um fato que permite admitir-se que ele se deu apenas no início do século XX. É que o arquiteto Lúcio Costa, seu neto, escreveu, em *“Registro de uma Vivência, 1986-94”*, transcrito na obra *“Com a palavra Lúcio Costa”*, organizada por sua filha, D. Maria Eliza Costa:

No começo do século, quando se abriu o novo túnel e a Ligth instalou sua rede de trilhos tornando assim a futura “zona sul” acessível, meu avô materno, o velho Marçal, comprou vários terrenos no Leme para os filhos. Meus pais resolveram então construir no lote que lhes coube, o de nº 62 na Rua Araújo Gondim, que se ligava à rua Gustavo Sampaio, “rua do bonde”, pela rua Anchieta, em cuja esquina ficava o ponto de parada, em frente à casa assobradada dos Tenbrink, com a loura e bela Leocádia na janela.

Alguns anos depois, nesse terreno foi construída uma casa, idealizada pelo seu genro Joaquim Ribeiro da Costa, que nela residiu e cuja planta baixa tinha a forma de um H.

O que se observa, ao manusear os dados disponíveis, é que Marçal Gonçalves Ferreira era possuidor de larga visão, ao instalar a primeira indústria de roupas no Amazonas; bastante respeitado em seu meio, tanto que, com poucos meses residindo em Manaus, já participava da reunião de instalação da Província do Amazonas, além de haver tomado parte dos atos mais importantes da cidade e das diretorias de entidades do maior relevo no Estado. Demonstrava, ainda, atenção destacada à sua família e bastante apreço à sua esposa, pois foi a ela que se reportou para esclarecer quanto aos registros e destino de seus bens, quando na época, entretanto, a mulher era mantida como que em segundo plano

e assuntos dessa natureza eram tratados com o filho homem mais velho.

Marçal Gonçalves Ferreira, patriarca da *Família Ferreira*, foi, enfim, um homem que soube dar um sentido à sua vida e orgulhar os seus descendentes.

Em *“Manaus Amor e Memória”*, Thiago de Mello, com a sua facilidade e beleza no dizer; e ainda com a sensibilidade que lhe é inata, declama em prosa – assim entendo – estas palavras:

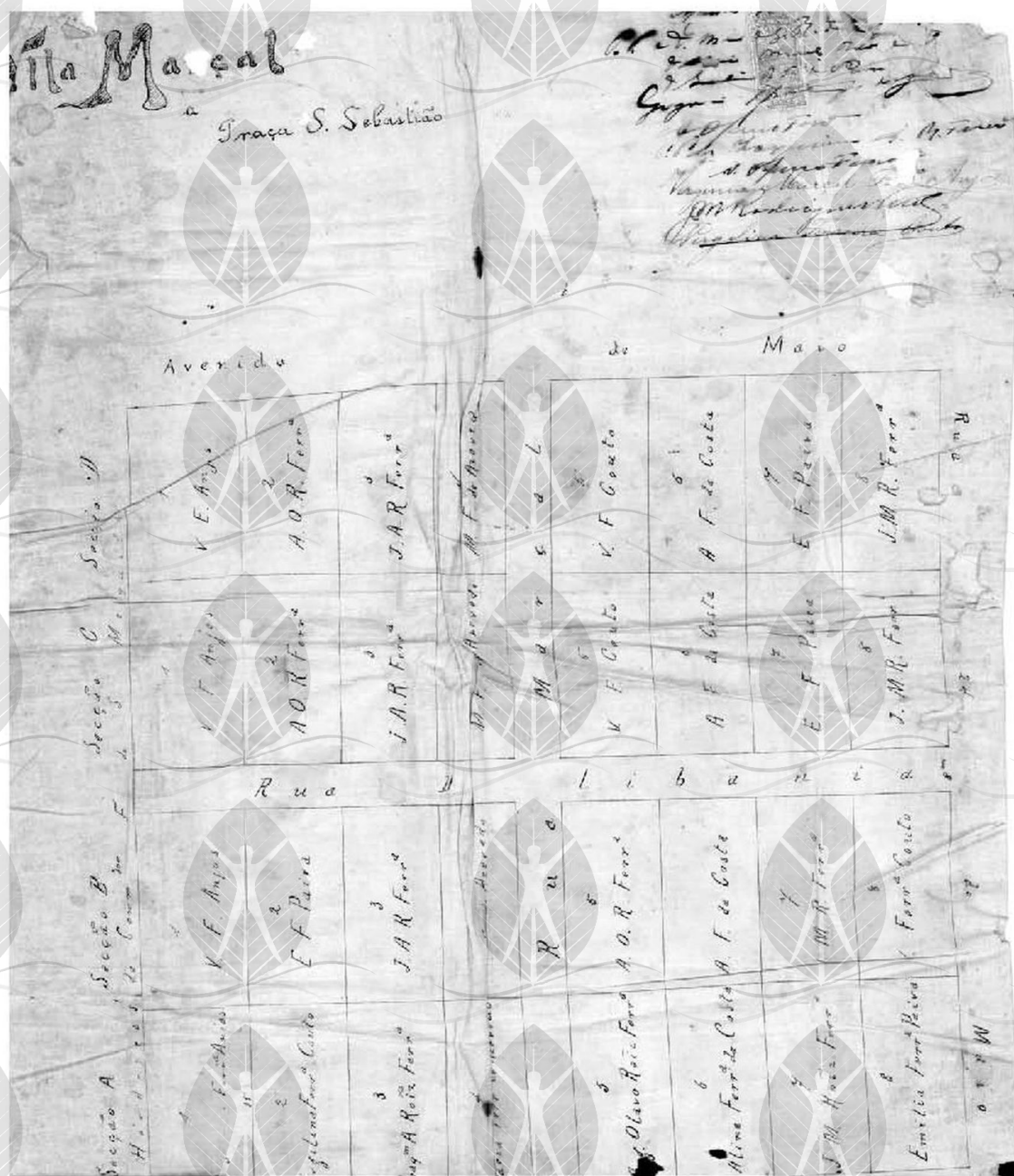
Como todo mundo sabe, o futuro começa a cada manhã que nasce, mas tem as suas raízes, das quais jamais se desgarram, no âmago da matéria ardente, mesmo revestida de cinza, a que chamamos passado.

Marçal e sua mulher Libânia foram raízes. Raízes de uma árvore portentosa, com grandes copas que dão sombra aos anos.

Com eles está o COMEÇO. O começo de uma história de mais de 150 anos. Uma história que, como toda história, é fria, terrivelmente fria, composta somente de datas, fatos, documentos. Nem por isso, entretanto, ante seu valor, pode ou deve ser esquecida, mas registrada para o hoje e o amanhã. É imperativo narrá-la, com toda a sua verdade, embora seja impossível transmitir, ao contá-la, a gama enorme de emoções que ela deve conter. Emoções que partiram com eles e tantos que deles descenderam. Emoções que, infelizmente, já alcançam bem poucos e tendem a diluir-se no tempo, sempre implacável.

Em duas ruas de nossa cidade, que se entrelaçam, pequenas, estreitas e quase esquecidas, estão os seus nomes: Marçal e Libânia. Não importa que estreiteza e pequenez não

sejam condizentes com a grandeza de suas vidas; o que importa é que não sejam esquecidos. Afinal, unidos e cruzando, até nas ruas, seus destinos, eles representam um marco inicial de um pedaço admirável da História do Amazonas.



ESTADO DO AMAZONAS

Secretaria da Superintendencia Municipal

N. 17



Manaos, 13 de Dezembro de 1906

Sen. Sr. Dr. Augusto Olavo Ferreira
e mais herdeiros de Manoel Goncalves Ferreira
e D. Libania de Souza R. Ferreira.

Tenho a satisfacaõ de com-
municar a V. Ex.ª que nesta data o Sr.
Sr. C.º Superintendente approvou a
tracada das ruas Manoel e D. Li-
bânia na Villa Manoel e manda
que agradeça a V. Ex.ª, em nome do
Município, a valiosa offerta que
fizeram a cidade de Manaos.

Cumprindo esse dever

Saõdo a 13 de Dezembro de 1906
Thamara de Souza

Recebeo a firma

Thamara de Souza
Mand. 13 de Dezembro de 1906
Dir. Sec. Municipal



ALFÂNDEGA DE MANAUS

Atest. que me foi apresentado
o original da presente cópia fotostática
ao qual me reporto.

2ª Seção,

Manaus



Reconheço a assinatura

[Handwritten signature]

Em test. da verdade.

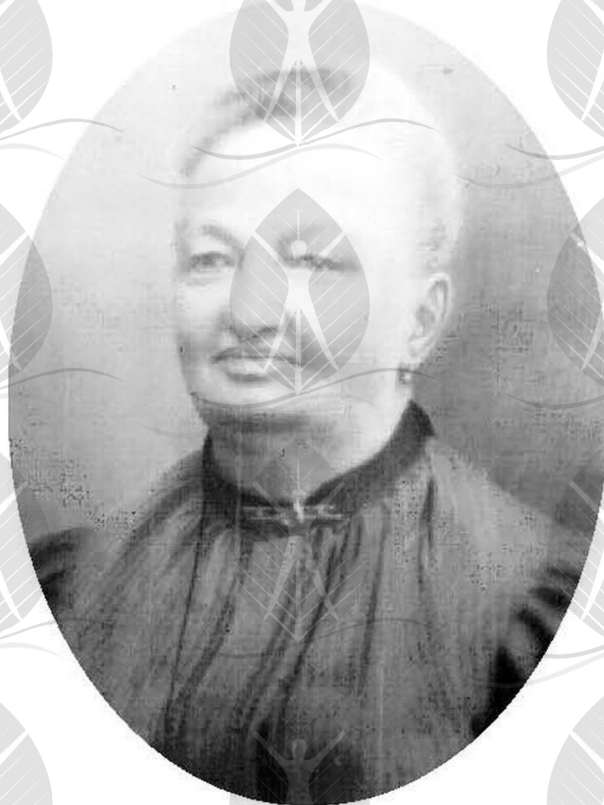
MANAUS, 27 de Setembro de 19...



Libânia

A nossa pequena fortuna
está livre de qualquer compromisso e
nem devemos a ninguém. Todos os ti-
pos de nossos negócios estão em poder de nos-
so bom amigo e procurador Sr. Antô-
nio Alves Braga como seve pela lida-
ção conjunta assignada por elle e por mim
tendo elle em seu poder outra lidação. Estes
negócios tem sido geridos pela Casa Bra-
ga & C.ª e o digno socio da mes-
ma e nosso bom amigo Sr. Henriquez como
em carregada da carta da Casa está abili-
tado a dar todas as explicações ^{ou informações} sobre os nossos
diferentes negócios. Grande satisfação
como sempre me por deixar interamente li-
vre de devida ou outra qualquer compromi-
so a ponto que possibmos, e o eu desejo e
espero e que os nossos filhos tevirão o
uso livre de tudo com o nosso nome em qual-
quer tempo. Pará 4 de Abril de 1844
Eduardo Gonçalves Ferreira

Carta de Marçal Gonçalves Ferreira dirigida à sua esposa D. Libânia Theodora Rodrigues Ferreira.



LIBÂNIA THEODORA RODRIGUES FERREIRA

1.ª Professora Pública do Amazonas.

Filha de José Antônio Pará e Margarida Ignacia Vasconcellos Pará, Libânia Theodora Rodrigues Pará nasceu no Estado do Pará, em 9 de novembro de 1833.

Formou-se, bem cedo, como Professora Normalista, especializada em Alfabetização e casou com Marçal Gonçalves Ferreira, alfaiate, ainda no Pará. Adotou, então, o nome Libânia Theodora Rodrigues Ferreira.

Pouco tempo após seu consórcio, o casal viajou para Manaus, no ano de 1851, onde passou a residir definitivamente.

Nessa época, existiam, em Manaus, apenas duas escolas primárias: uma no bairro de São Vicente-de-Fora; e outra no

bairro dos Remédios, dirigida pelo Padre João Antônio da Silva, vigário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em 1840.

Os dois colégios, entretanto, eram particulares, voltados, portanto, somente para as famílias de alguma posse. Não havia qualquer escola pública.

Essa lacuna foi, entretanto, preenchida com a nomeação de D. Libânia, no mesmo ano de sua chegada em Manaus, para uma escola pública primária então criada. Foi ela, assim, a primeira professora pública do Amazonas, então Cidade da Barra do Rio Negro, ainda sob a jurisdição da Província do Grão-Pará. Esse pioneirismo completava o do seu marido, que instalou, neste Estado, a primeira indústria de roupas. Sua nomeação se deu com o termo oficial transcrito a seguir:

Sello das Armas do Império que se cumprirá como nella se contem, registrando-se onde tocar. Bernardino Antônio da Silva Nobre, Primeiro Official da Secretaria do Governo a fez nesta Cidade do Pará aos 14 dias do mês de Maio de 1851, trigésimo da Independência e do Império. E eu, Miguel Antônio Nobre, Secretário do Governo, por sua Magestade o Imperador afis escrever o subscrevy. (a) Fausto Augusto de Aguiar. Provisão pela qual V. Exa. se sérvio nomear a Libânia Theodora Rodrigues Ferreira, professora interina da Cidade da Barra do Rio Negro vitaliciamente na referida Cadeira, como acima se contem. Para V. Exa. ver.

Ao ser efetivada no magistério primário da então Cidade da Barra do Rio Negro, a Professora Libânia passou a perceber

vencimentos de 100 mil réis, importância que, nessa época, era expressiva.

No ano de 1858, como resultado de sua eficiência no exercício do magistério, recebeu uma gratificação (cujo valor, entretanto, não é conhecido), conforme este trecho do Relatório que o Dr. Francisco José Furtado, Presidente da Província do Amazonas no período de 10 de novembro de 1857 a 23 de novembro de 1860, apresentou à Assembléia Legislativa, em sua sessão ordinária de 7 de setembro de 1858:

Entre os professores a quem mandei abonar a referida gratificação (concedida pelo art. 5º da Lei nº 42, aos professores que tiveram mais de 20 alunos), conta-se a professora de primeiras letras da Capital, D. Libânia Theodora Rodrigues Ferreira, cujo zelo e capacidade pude apreciar no aproveitamento de seus discípulos por ocasião dos exames do começo do ano.

Compulsando-se documentos catalogados pelo Arquivo Público do Estado do Amazonas, verifica-se a existência de vários ofícios expedidos por D. Libânia, mensalmente, apresentando relatórios de frequência das alunas da Escola a seu cargo. Idênticos em sua redação, um deles é o transcrito a seguir:

*Incluso, passo as mãos de V. S^a o quadro demonstrativo das alumnas que durante o mez de fevereiro ultimo frequentarão a Escola de 1^{as}. Lettras, do sexo feminino da Capital, afim V. S^a servir de dar o destino competente.
Deus Guarde à V. S^a.*

*Cidade da Barra, 1º de Março de 1853.
Illmsº. Snr. Dor. Felix Gomes do Rego
D. Diretor intº da Instrução Publica.*

Ainda em meio aos documentos oficiais existentes, colhe-se o expediente abaixo, pelo qual se conclui o interesse de D. Libânia Theodora pela educação musical das alunas a seu cargo:

Tendo o professor de música desta cidade, Fran.co. da Silva Galvão, se offerecido para ensinar algumas alumnas desta Escola; e julgando de meu dever submeter a aprovação de V. Sª, assim o faço, rogando-lhe se digne conceder a necessária licença, afim de que o mesmo professor dê comêço ao respectivo ensino.

*Aguardo-me respeitosamente para cumprir as determinações de V. Sª.
Deus Guarde a V. Sª.*

Escola de 1ªs. letras do curso feminino da Capital da Província do Amazonas, 4 de maio de 1857.

Posteriormente, em março de 1869, teve seus vencimentos elevados para um conto e duzentos mil réis; e a 3 de abril de 1871, para um conto e seiscentos mil réis. Sua aposentadoria data de 1872, havendo, assim, exercido o magistério durante 21 anos.

Na sua edição de 7 de novembro de 1958, o jornal “A Crítica” publica artigo sob o título “A Primeira Professora Vitalícia”, no qual tece comentários sobre a sua vida no magistério, assim o concluindo:

Entretanto, o nome dessa desvelada educadora, que tanto trabalhou pela instrução no Amazonas, está esquecido sem que, ao menos, um grupo escolar tenha o seu nome.

Até hoje, lamentavelmente, essa decisão não foi tomada, não obstante ser tão justa e merecida.

D. Libânia, ao que se sabe, era uma pessoa firme e decidida. O arquiteto Lúcio Costa, seu neto e um dos homens que orgulham o nosso País, prestando depoimento a A. Buchmann, autor da obra “Lúcio Costa, O Inventor da Cidade de Brasília”, afirmou que ela era

... voluntariosa professora: certa vez, cansada de pedir material escolar, botou a criançada a escrever em folhas de bananeira durante a visita do prefeito à escola.

D. Libânia Theodora Rordrigues Ferreira faleceu no dia 09 de dezembro de 1905, havendo o seu corpo sido velado em sua residência, na Rua Henrique Martins, 55, onde atualmente se encontra a “Livraria Concorde”. No dia seguinte, ao noticiar a sua morte, o jornal “Amazonas” registrou:

Era a veneranda matrona dotada de excelsas virtudes e superiores qualidades de coração, que a tornaram geralmente estimada de todos.

Para que se tenha uma nítida percepção de seu valor, é importante ter-se em conta o contexto social no seu tempo. Enquanto, normalmente, as mulheres não tinham voz nas decisões nas famílias e na sociedade, com o papel de apenas

ter filhos, cuidar do lar e, em alguns casos, dedicar-se a bordados, confeccionar doces e tocar piano, D. Libânia, aos 18 anos, já era Professora Normalista; casara; aventurou-se, com o marido, em uma viagem longa e difícil a uma cidade desconhecida e então inóspita; dedicou-se ao magistério, com afinho e entusiasmo; e, quando necessário, enfrentou o descaso de governantes.

D. Libânia Ferreira

1.ª Professora

1858

Dr. Dr. Francisco
Furtado em seu relatório que
Legislativa apresentou na
Ordinária de 7 de Setembro de
1858

"Entre os profes-
soras mandei aboar a referência que
(concedida pelo art. 5.º da
dos professores que têm
20 alunos) conta-se a
de primeira letra da
Libânia Theodora Rodrigues
cuja zelo e capacidades fu-
ro aproveitamento de suas
por ocasião dos exames"

Trecho do Relatório do Dr. Francisco José Furtado, Presidente da Província Amazonas, em 03.11.1860, pelo qual comunica à Assembléa Legislativo haver concedido à Professora Libânia Theodora uma gratificação especial.



AUGUSTO OLAVO RODRIGUES FERREIRA

Engenheiro

Foi ele, sem dúvida, um dos mais destacados filhos do casal Marçal/Libânia, pela sua atuação competente e profícua no Amazonas e fora do nosso Estado.

Para bem definir-se o Dr. Augusto Olavo, nada melhor do que transcrever-se, como é feito a seguir, a notícia de seu falecimento, publicada no “Diário do Amazonas”, com sede na Rua Saldanha Marinho, 38, em sua edição de 13 de setembro de 1911, cujo exemplar é um dos valiosos documentos que fazem parte do acervo da família:

Confirma-se, infelizmente, a notícia do falecimento do Dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, no Rio de Janeiro, onde se achava no gozo de licença do

cargo de engenheiro fiscal da Manáos Harbour, Ltd., que aqui desempenhou com incorruptível integridade e reconhecida competência. Era uma figura de destaque no nosso meio social, tanto pela sua brilhante inteligência, como pelo seu caracter adamantino.

Filho do Amazonas, a não ser, entretanto, o cargo que estava ocupando, da escolha e nomeação do governo federal, aqui apenas exerceu, de nomeação do Governo do Estado, o ser lente interino do Gymnasio e desempenhou algumas curtas comissões técnicas.

Logo após a sua formatura, na Escola Polythecnica do Rio de Janeiro, foi para São Paulo, onde occupou os cargos de diretor da Instrucção Publica e das Obras Publicas, nos exercicios dos quaes demonstrou sempre as suas raras aptidões de homem de sciencia e patenteou seu caracter sem jaças.

Na mais alta camada social de S. Paulo, entre as famílias de mais alta representação, como a dos Andradas e dos Prados, contava o Dr Olavo Ferreira amigos dedicados.

O conselheiro João Alfredo, sob cujo governo exerceu um daquelles cargos, apesar de adversario politico, tinha-o na mais elevada consideração e era tambem um dos seus bons amigos.

Foi ao iniciar-se o governo do Sr. General Thaumaturgo de Azevedo, nos primeiros annos da Republica, que o dr. Olavo Ferreira regressou á sua

terra natal e aqui ficou até há poucos mezes, tendo seguido para ao sul á procura de melhora a sua saúde. Durante os longos annos que decorreram de 1892 até 1903, em que foi aproveitado para fiscalisar a Manáos Harbour, Limited, foi menosprezada a sua competencia pelos governos do Amazonas, todos a elle hostis, pela incompatibilidade moral estabelecida entre a sua incontestada honradez e os processos administrativos, então, adoptados.

Militou algumas vezes na imprensa desta capital, notadamente no "Estado do Amazonas", em Manaus, tendo-se revelado um escriptor claro e preciso e um polemista de valor.

Vêm-nos á lembrança, ainda empolgantes de verdade, os poderosos artigos publicados em 1898, no Amazonas, nos quaes combateu a encampação da Manáos Lighting.

O Dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira era natural desta cidade, filho de Marçal Gonçalves Ferreira e D. Libânia Ferreira, já fallecidos.

Aos seus irmãos, cunhados e sobrinhos, José Maria R. Ferreira, Virgílica Ferreira Couto, Nenem Ferreira Cabral dos Anjos, general Thaumaturgo de Azevedo, coronel (ilegível) de Paiva (ilegível), (ilegível) de mar e guerra Joaquim Ribetro da Costa, João Couto, (ilegível) Couto e Armindo Couto e ás suas exmas. Famílias, o DIARIO apresenta as expressões do seu profundo pezar.

Alguns aspectos podem ser claramente observados no texto acima: as indiscutíveis qualidades profissionais e morais do Dr. Augusto Olavo Ferreira, que lhe granjearam respeito entre as pessoas de maior destaque no sul do País; e o seu espírito combativo, nos artigos publicados na imprensa manauara. E ainda, no que respeita ao jornal que publicou a notícia, o interesse em criticar os governos de então, contrários à sua tendência política, ao obscurecer certos trabalhos que realizou no Amazonas. Para melhor entender-se esse posicionamento do “*Diário do Amazonas*”, basta ser assinalado que ele se denominava um “*Orgão do Partido Republicano Federal*” e que seu Diretor era o Deputado Antônio Monteiro de Souza, o qual, aliás, tem seu nome registrado em uma rua, em frente à antiga Secretaria de Fazenda e em um Grupo Escolar, nesta Capital.

Fatos conhecidos e sempre lembrados entre os membros da *Família Ferreira* são os de que o Dr. Augusto Olavo foi um dos participantes das equipes de engenheiros encarregados da construção do Teatro Amazonas e da ponte “Benjamin Constant”, que liga a Av. Sete de Setembro ao bairro da Cachoeirinha.

Sua atuação profissional não se ateve, porém, aos Estados do Amazonas e São Paulo, estendendo-se a Vitória, no Espírito Santo.

No mês de novembro de 1888, atendendo a uma solicitação do Dr. Henrique Ataíde Lobo Moscoso, Presidente da Província de Vitória, apresentou um estudo visando ao aterramento de uma área pantanosa existente nessa cidade, primitivamente chamada “Lapa do Mangal”. Ao efetivar-se o seu trabalho técnico, o local passou a chamar-se, então, de “Campinho”; é, atualmente, o “Parque Moscoso”.

Guardados com atenção e cuidado, pelo seu valor na história da família, existem ainda hoje, em poder de Yomar

Desterro e Silva Júnior, dois objetos que pertenceram ao Dr. Augusto Olavo e foram por ele utilizados em seus trabalhos profissionais: um aparelho medidor de nível, nos sentidos horizontal e vertical, fabricado na Inglaterra, com o registro de “Precisão Garantida”; e uma escala de um metro, fabricada em marfim e com as suas marcações feitas à mão. Transmitidos de geração a geração, esses objetos foram doados a Yomar Júnior, quando este obteve sua formatura em Engenharia Civil, por sua avó, Regina Ferreira Xavier, sobrinha do Dr. Augusto Olavo.

Também afeito à música, como toda a família, quando se encontrava no Rio de Janeiro sempre tocava piano com a sua irmã, Alina Marçal Ferreira Ribeiro da Costa.

Uma passagem da vida do Dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, que bem demonstra sua maneira de ser, é relatada pelo arquiteto Lúcio Costa, seu sobrinho, ao historiador A. Buchmann, já mencionado:

Levou-me um dia à Cavé para tomar chocolate. Vendo os brioques, perguntel: – Que fruta é esta? Ele respondeu tranqüilamente: “Não tem caroço e come-se com a casca.

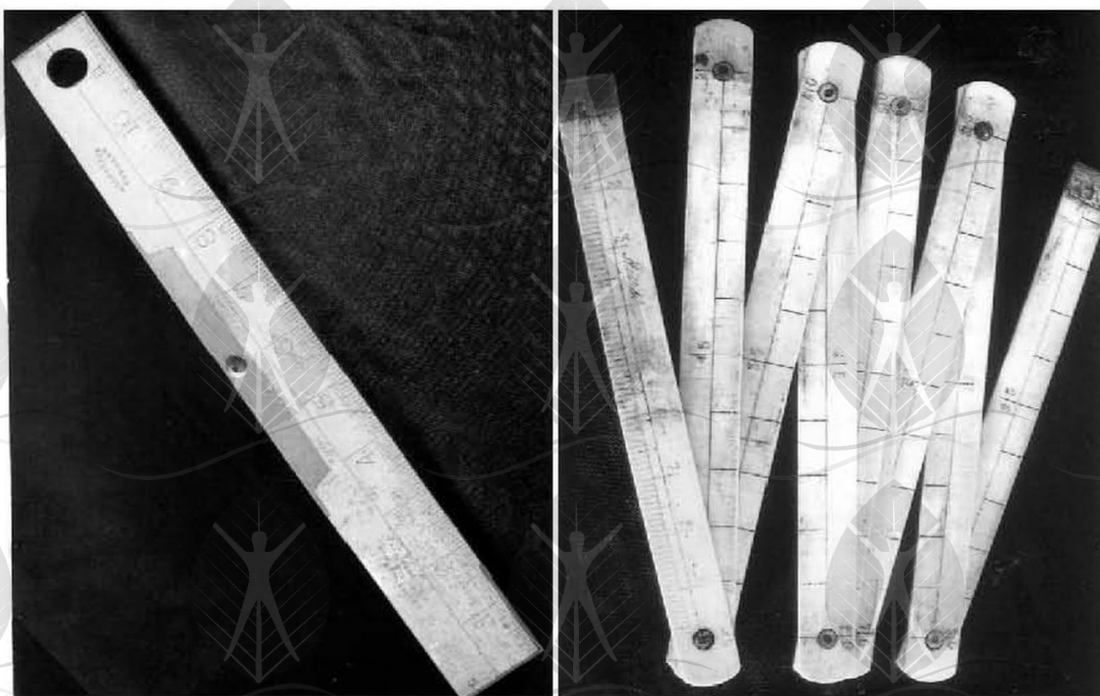
Havendo falecido no ano de 1911, há dúvida quanto ao local em que ocorreu a sua morte. Segundo consta na família, ele teria falecido na Suíça, para onde seguira com o intuito de submeter-se à cura de uma tuberculose, que o acometera. Pelo que se lê, entretanto, na notícia do “Diário do Amazonas”, transcrita acima, o local de sua morte teria sido o Rio de Janeiro.

Ao que parece, a cidade onde veio a falecer foi, na realidade, o Rio de Janeiro. Viajara, antes, porém, à Suíça, na tentativa de uma cura que não aconteceu.

Confirmando o já mencionado costume da família, hoje existe um filho de Regina Ferreira Xavier com o prenome Olavo Augusto; e este deu ao seu filho o nome de Augusto Olavo, médico que atua profissionalmente no Rio de Janeiro.



Flagrantes do “Parque Moscoso”, em Vitória (ES), inaugurado no ano de 1912.



Marcador de nível inglês e metro em marfim, com centímetros marcados à mão, utilizados pelo Dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, em suas atividades de Engenharia.



JOAQUIM ANSELMO RODRIGUES FERREIRA

Pouco se conhece sobre a vida deste filho de Marçal G. Ferreira e Libânia Theodora R. Ferreira, conhecido como “Quincas”.

A informação é, mais uma vez de Lúcio Costa, seu sobrinho:

...tio Quincas, tocador de violão e boêmio (foi estudante de Medicina em Coimbra, mas acabou farmacêutico).

Vários descendentes seus conhecem, ainda, sobre ele, uma história bastante pitoresca.



Casado, certo dia abandonou o lar, sem qualquer explicação ou motivo. Passou a viver com a lavadeira que servia à família.

Cerca de 20 anos depois, no entanto, bateu à porta de sua casa, com um buquê de flores em uma das mãos.

Sua esposa veio atender. Ao vê-la, Quincas lhe implorou perdão, disse-lhe mil palavras de arrependimento e, entregando a ela o ramallete que trouxera, pediu-lhe que o deixasse voltar para casa.

E ela o recebeu de volta!



MARIA DA GLÓRIA FERREIRA THAUMATURGO DE AZEVEDO

Antepenúltima dos filhos do casal Marçal/Libânia, nascida em 03 de maio de 1862, era mais conhecida pelo seu apelido, Noca.

Minha avó Noca foi a verdadeira “Mulher de Atenas”. Hoje, na era tecnológica, não adianta procurar a mulher de Atenas, ela não pode mais existir. Esteio da casa, porto seguro, “Venus Nutrix”, ela sabia que o único bem que quanto mais se dá mais se tem é o amor. Lembro-me dela, quando ainda usava cores claras, sempre em linho, pois nunca mais tirou o luto de meu avô, lembro-me de

um vestido bege, com botões de madrepérola. Abria as gavetas da cômoda e dali colhia mil pequenas coisas, delicados objetos, bilros e rendas feitos por ela, invólucros de capim-cheiroso, sachês de fló com perfumes do Pará. Gostava de ir à cozinha e fazia pães-de-ló macios, mães-bentas, suspiros, beijus encharcados de manteiga... uma delícia.

Essas palavras, que tão bem traduzem a D. Maria da Glória, são lidas no livro *“A Família de Guizos”*, obra de extrema beleza e sensibilidade escrita por sua neta Ivna Thaumaturgo, quando já alcançara quase oitenta anos de vida. Tive imenso prazer em conhecer a Sra. Ivna, em seu apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, no mês de setembro de 2006, faltando-lhe três meses para completar 91 anos; e de admirar, quase estupefato, sua total lucidez, que lhe permitia revelar-me uma considerável cultura, em línguas estrangeiras, na literatura e nas artes, especialmente a música e a pintura. Enfim, uma respeitável componente da *Família Ferreira*.

D. Maria da Glória conheceu o então capitão de Engenharia Gregório Thaumaturgo de Azevedo, com quem veio a casar-se, quando este, sediado no Amazonas, exercia a função de Secretário da Comissão de Limites entre o Brasil e a Venezuela. Ele era amigo do capitão-tenente Joaquim Ribeiro da Costa, comandante da guarnição da Marinha no Amazonas, que, anos depois, veio a ser o marido de D. Alina Marçal, irmã caçula de D.Noca.

O casal teve sete filhas e um filho; este, porém, morreu aos três anos de idade. Nessa ocasião, Thaumaturgo de Azevedo se encontrava preso em uma fortaleza, por ordem de Floriano Peixoto, seu inimigo político.

Os nomes de todas as filhas iniciavam com a letra “A”, a fim de que, segundo dizia seu pai, pudessem, no futuro, prestar exames mais cedo e ter férias mais longas. Eram elas, por ordem de nascimento: Altair, Allita, Antonieta, Algenib, Aleth, Adhail e Anaid. Seus nomes, juntamente com o da D. Maria da Glória, foram postos na cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre, fundada por ele, quando demarcava fronteiras na região amazônica, em cuja oportunidade conseguiu que o território brasileiro fosse acrescido de 5.870 léguas quadradas, ao demonstrar o verdadeiro local da nascente do Rio Javary, fixado como limite pelo Tratado de Ayacucho. Ao expor o resultado do seu trabalho à Câmara Federal, no Rio de Janeiro, apresentando mapas que ele próprio traçou; e após fortes debates entre os congressistas, recebeu o apoio de muitos e, dentre eles, os de Ruy Barbosa e Clóvis Beviláqua.

Altair, a primeira das filhas de D. Maria da Glória, era, conforme a definiu Ivna Thaumaturgo, “*um Sócrates de saias*”, ante seus conhecimentos e idéias sobre política, ética e direito, que utilizava constantemente nos trabalhos nos quais assessorava o pai, pelo qual tinha enorme admiração. Com voz de contralto, interpretava trechos de ópera e cantava em missas; professora, teve alunos que vieram a destacar-se no cenário nacional, entre eles o escritor e dramaturgo Nélson Rodrigues.

A segunda filha, Alitta, casou-se com Miguel, filho do general Feliciano Thaumaturgo Mendes de Moraes, de cujo matrimônio Ruy Barbosa foi um dos padrinhos. O seu namoro ocorreu quando ambos iam diariamente, na mesma lancha, visitar os seus pais, presos na fortaleza de São João, por ordem do Marechal Hermes, então Presidente da República. Este, ao saber do casamento – conta-nos a escritora Ivna –, teria dito: “*por direito, eu devia ser padrinho...*” Foi mãe da Sra.

Ivna, que assevera, ao falar sobre a sua maneira de ser: *“Era uma loba lambendo a sua ninhada.”*

Da mesma idade de Lúcio Costa, Adhail, sexta filha do casal Thaumaturgo, encantou-se pelo seu primo, quando este voltou da Europa. Os pais, entretanto, não permitiram o casamento entre eles, por serem primos-irmãos.

Sobre Anaid, a mais nova das *“sete Thaumaturgo”*, é válido que se transcreva este trecho do livro *“A Família de Guizos”*, no qual está retratado o quanto ela era o oposto de suas irmãs:

Audaciosa, sedutora, sensual e irreverente era Anaid. Altair a criticava, Antonieta silenciava, Alitta a admirava, as mais moças a defendiam. Foi a primeira a usar maiô branco na praia, a andar de bicicleta, a jogar peteca com rapazes na areia, a sair de noite com o seu grupo. Criou uma confraria, o “ABC” (Arte, Besteira e Chope). Adorava a dança e quando seu pai morreu matriculou-se no curso de Maria Olenewa e logo fez parte do Corpo de Baile do Teatro Municipal. Uma noite, Altair, freqüentadora assídua das óperas, assistindo à Gioconda, voltou preocupada por ter visto, na Dança das Horas, uma bailarina toda de negro, “a cara de Anaid”. Consultou o programa, procurou o nome das bailarinas e finalmente descobriu “Diana Azevedo”. Diana era Anaid ao contrário. Certificando-se, dizia inconsolável: – Não posso aceitar o que os meus olhos vtram: a filha de Thaumaturgo de Azevedo bailarina do Teatro Municipal.

D. Maria da Glória esteve permanentemente atenta e devotada à criação e esmerada educação de suas filhas, inclusive

para suprir o afastamento de seu marido durante longas temporadas, quando este se embrenhava na Amazônia, sempre e em várias ocasiões defendendo os interesses e a soberania do País, entre as quais quando foi Prefeito do Município de Juruá, no ano de 1906; quando obteve a conquista definitiva do Acre, pretendido pelo governo boliviano; quando criou o Município de Cruzeiro do Sul, nesse Estado; ou ainda quando se dedicava a ferrenhas lutas políticas no Amazonas. Manteve-se firme, também, no seu papel de esposa de um homem idealista e de princípios rígidos, aceitando, com paciência e resignação, seus afastamentos decorrentes do cumprimento de suas tarefas ou de quando ele esteve preso, por duas vezes.

É de imaginar-se, assim, quantas angústias, tristezas e inquietudes fizeram parte da vida dessa mulher admirável, que jamais deixou de prestar apoio ao seu marido, ao qual, nos últimos anos, passou a chamar de “meu velho”. Tristezas, angústias e inquietudes que lhe terão provocado profundos suspiros, estes vindos do fundo de seu seio, não os que fazia em sua cozinha, para deleite dos quais ela transmitia o seu querer bem.

Em 24 de janeiro de 1921, sete meses antes da morte de seu esposo (23 de agosto de 1921), D. Noca escreveu uma carta à sua sobrinha Alina Marçal de Carvalho Ferreira, por ela tratada como “Alininha”, talvez para diferenciá-la de sua irmã Alina Marçal. Abaixo, um trecho dessa correspondência, com a sua redação própria:

Fiquei satisfeita com a manifestação de regozijo do Povo Amazonense a meu velho, mas dezeitava que elle já estivesse definitivamente na posse de Governador sem que o outro o estivesse também embora tivesse uma recepção vergonhosa e uma posse igual, cercada de força embalada. Eu

Imagino como meu velho tem estado aborrecido com a falta de brio d'essa gente que não o apoia, o repelle não o quer e quer por força o poder e desde já promete surrar, esfolar e matar a humanidade.

Mais adiante, ela desabafa, revelando o seu sofrimento:

E com isto imagina a vida que levo eu aqui a sofrer e pensar constantemente em toda essa vida agitada que meu velho tem ahí?!

Efetivamente, D. Maria da Glória foi, ao mesmo tempo, “Venus Matrix” e “Mulher de Atenas”.

Alameda

Rio de Janeiro 24 de Maio 1922

Tenho presente tua amavel Cartinha de
26 de Dezembro - Tivei a satisfação com a
manifestação de respeito do Sr. Amador
e meu neto, mas deixo e elle já estava
definitivamente na posse de Guimarães sem
que outro o estivesse tendo então tem uma
recusa, nenhuma e uma posse igual
a de quem se fica em ambiguidade, e eu sou
juro como meu neto tem estado abarcado
Com a falta de brio d'um gente q' se opo
o repelle não o quer e querim por fora
o poder e deede já prometta surtir
estudo e mat. a humanidade.
Os parentes d'elle são os primeiros a
deixar um publicamente. Já se
sabe aqui q' o Artista foi o proprio
a mandar dynamitar a casa d'elle
p' uma pequena festa q' as fôrças
armadas quer de eliminar a man
neto e outros amigos. E com isto
imagina a vida q' tem aqui a

Escreva a pensar e...
vida agitada e...
Aqui as...
dive...
ser...
A...
O...
O...
Di...
mandar...
mes...
dig...
p...
Be...
da...

Carta de D. Maria da Glória Ferreira Thaumaturgo de Azevedo à sua sobrinha Alina Marçal de Carvalho Ferreira.



JOSÉ MARIA RODRIGUES FERREIRA

Penúltimo filho de Marçal Gonçalves Ferreira e Libânia Theodora Rodrigues Ferreira, nasceu no Amazonas no dia 7 de novembro de 1865 e faleceu aos 77 anos de idade, em 7 de julho de 1942. Era conhecido com o nome de Juca.

No ano de 1880, seguiu para Portugal. Existe, sobre sua viagem, um cartão no qual a D. Libânia escreveu:

No dia 30 de abril de 1880, pelas 7 horas da manhã, separou-se de mim o meu querido filho José Maria, para começar os seus estudos. Segue para Portugal, deixando-me bastante saudades.

Embora não se disponha de qualquer outra referência quanto ao fato abaixo, talvez pelo curto espaço de tempo em que ele ocorreu, lê-se, também, ao pé desse cartão:

Juca entrou para o seminário no dia 2 de janeiro de 1878.

O objetivo de sua partida para Portugal era o de estudar Medicina. Ocorre, porém, que essa não era a sua tendência, razão pela qual não chegou a atingir o que fora programado.

Em Portugal, conheceu Idalina Cândida – sobre a qual se discorrerá em capítulo à parte –, jovem de raras qualidades e educação esmerada, com quem veio a casar-se.

Retornando ao Amazonas, foi, durante algum tempo, Secretário da Imprensa Oficial, cargo que deixou em 17 de setembro de 1906 e no qual foi substituído por Adalardo Galvão Cantanhede; serviu, em seguida, à Repartição de Terras e Obras Públicas do Estado; e, por último, atuou como funcionário da Secretaria de Fazenda do Estado, então Tesouro do Estado, onde trabalhou durante longo tempo, até sua aposentadoria compulsória, já com 70 anos de idade. Mesmo após estar aposentado, no entanto, continuou a ir, diariamente, até o final de sua vida, àquela repartição estadual, dando expediente como se ainda fosse funcionário da ativa, sem que ninguém se opusesse à sua presença ou deixasse de o acatar, com cordialidade e respeito.

Sua real inclinação não era a ciência, mas a arte, muito especialmente a música, à qual se dedicou permanentemente, durante toda a vida, a tal ponto que, em pouco tempo, ante a gama de conhecimentos musicais adquiridos, desde quando se encontrava na Europa, passou a ser um crítico musical de reconhecida competência. Tinha o que se costuma chamar “ouvido absoluto”, comum aos maestros, que lhe permitia

executar músicas eruditas, bastando somente, para isso, que a houvesse escutado atentamente; e tocava vários instrumentos, especialmente flauta, piano e bandolim.

José Maria Rodrigues Ferreira era um homem de hábitos bastante definidos e interessantes, reveladores de seu espírito.

Todas as noites, após o jantar, cochilava recostado na cadeira que pertencera a seu pai, Marçal G. Ferreira, cadeira essa em que, além dele, somente sentava Maria Augusta Ferreira Xavier, sua neta preferida. Em seguida, saía para visitar seus filhos. Várias vezes, entretanto, atrasava essas visitas: era quando, no seu caminhar pelas ruas de casas com janelas baixas e abertas, como era comum, ouvia músicas clássicas tocadas nos pianos ou em vitrolas; parava, então, para escutá-las e as regia, discretamente, com as mãos. Em várias ocasiões, os donos das casas o convidavam para entrar, ao vê-lo na calçada; apesar de retardarem, as visitas aos filhos não deixavam de ser feitas.

Gostava muito de assistir filmes que contivessem músicas clássicas, como “Música, Divina Música”, “Vozes da Primavera” “A Noite Sonhamos” e diversos outros. Ele os assistia repetidamente, dias seguidos e, depois de muito os ver, permanecia fora do cinema apenas para ouvir as músicas que mais apreciava, dentre elas as obras de Chopin (um dos seus compositores prediletos), Straus e Tchaikovsky. Tantas eram as vezes em que assim agia, que os porteiros do cinema mandavam que ele entrasse sem nada cobrar.

Outro costume seu era o de ir ao porto, geralmente nas noites enluaradas, após visitar seus filhos.

Lá chegando, sentava-se em uma de suas “torres” (objetos de ferro, presos ao solo, onde as embarcações atracam), bem à beira do cais e permanecia, durante horas,

olhando o rio e assoviando músicas clássicas. Dizia que o rio e a música clássica combinam muito.

Houve ocasiões em que, inteiramente absorto em seus pensamentos e assovios, não se dava conta do passar do tempo. A sua filha Alina, preocupada, ia buscá-lo com uma empregada, às vezes à uma hora da madrugada.

Quando a D. Idalina Cândida decidiu criar a Escola Musical “Anna Carolina”, não apenas a incentivou fortemente, mas lhe deu o seu apoio e colaboração, de tal modo que se pode até admitir que a instituição dessa Escola foi o resultado de uma ação conjunta do casal.

Fato interessante a ser registrado é que alguns íntimos o chamavam de “Zé das Marias”. Esse apelido teria sido posto pela sua esposa, D. Idalina, enciumada pelo fato de que, como o “Tesouro do Estado”, onde trabalhava, ficava bem à frente ao sobrado onde moravam, na Rua Ajuricaba (atual Monteiro de Souza); e pelo fato de o sanitário dessa repartição ser misto e mal cuidado, ele autorizava as funcionárias que com ele trabalhavam a utilizar o banheiro de sua casa. Há membros da família, por outro lado que têm conhecimento de que a sua esposa, dizia que “quando Juca morrer, vai aparecer alguma “viúva” com filho, atrás da herança, que não há.” Não houve, porém, a presença de qualquer “viúva”.

Na realidade, pelo que se percebe, ele era, além de sonhador, um extremado amante da música clássica.



Casal José Maria Rodrigues Ferreira e Idalina Cândida de Carvalho Ferreira.



ALINA ANEZIA MARÇAL FERREIRA RIBEIRO DA COSTA

Filha caçula do casal Marçal/Libânia, nasceu em Manaus no dia 26 de agosto de 1868 e faleceu em 26 de setembro de 1941.

Casou, ainda bem nova, na Igreja de São Jorge, em Lisboa, para onde fora enviada pelos pais e passou a residir no internato de Mademoiselle Roussel.

Seu marido foi o engenheiro naval Joaquim Ribeiro da Costa, natural de Salvador, Bahia, filho dos cidadãos portugueses Ignacio Loyola da Costa e Maria Firmina Ribeiro de Lima. Eles se conheceram em Manaus, quando o engenheiro Joaquim se encontrava no início de sua carreira, ainda como capitão-tenente (atingiu, posteriormente, a

patente de almirante), comandando as guarnições da Marinha no Rio Amazonas e servindo na Comissão de Limites do Amazonas. Após o casamento, seguiram diretamente para o Havre, depois Marselha, onde tiveram dois filhos.

Foram seis os seus filhos, na seguinte ordem de nascimento: Audomaro, René, Alina, Dinah, Lúcio e Magdala.

Aldomaro casou com Maria Lucas, conhecida como Marilu e teve um filho, Harry.

René casou com Odete e teve três filhos: Maurício, Marúcia e René.

Alina (era tratada em família como Alininha), educada em um colégio de freiras, na Inglaterra, era exímia violinista. Não chegou a casar-se.

Dinah foi funcionária da “Light and Power”, onde conheceu o sueco Karl Frei Johnsson, com o qual contraiu matrimônio e teve cinco filhos: Dinah, Frei, Sven, Frans e Jarl.

Magdala, irmã querida de Lúcio, era voltada para o teatro, havendo encenado, em casa, peças em francês e inglês. Em uma dessas peças, escrita em francês, ela representava a heroína, cujo galã era o notável paisagista Burle Marx, amigo da família; e seu irmão Lúcio fazia o papel de “chefe de polícia”.

O seu quinto filho foi o genial Lúcio Costa, nascido em Toulon, na Villa Dorothée Louise, no Mourillon.

Dada a enorme quantidade de livros, biografias, artigos e sua presença em museus, apenas se resume, aqui, a grandeza deste membro da *Família Ferreira*, que ainda mais a engrandece, pois jamais se poderia, neste trabalho, que envolve várias gerações, transmitir tudo o que ele representou para o nosso País.

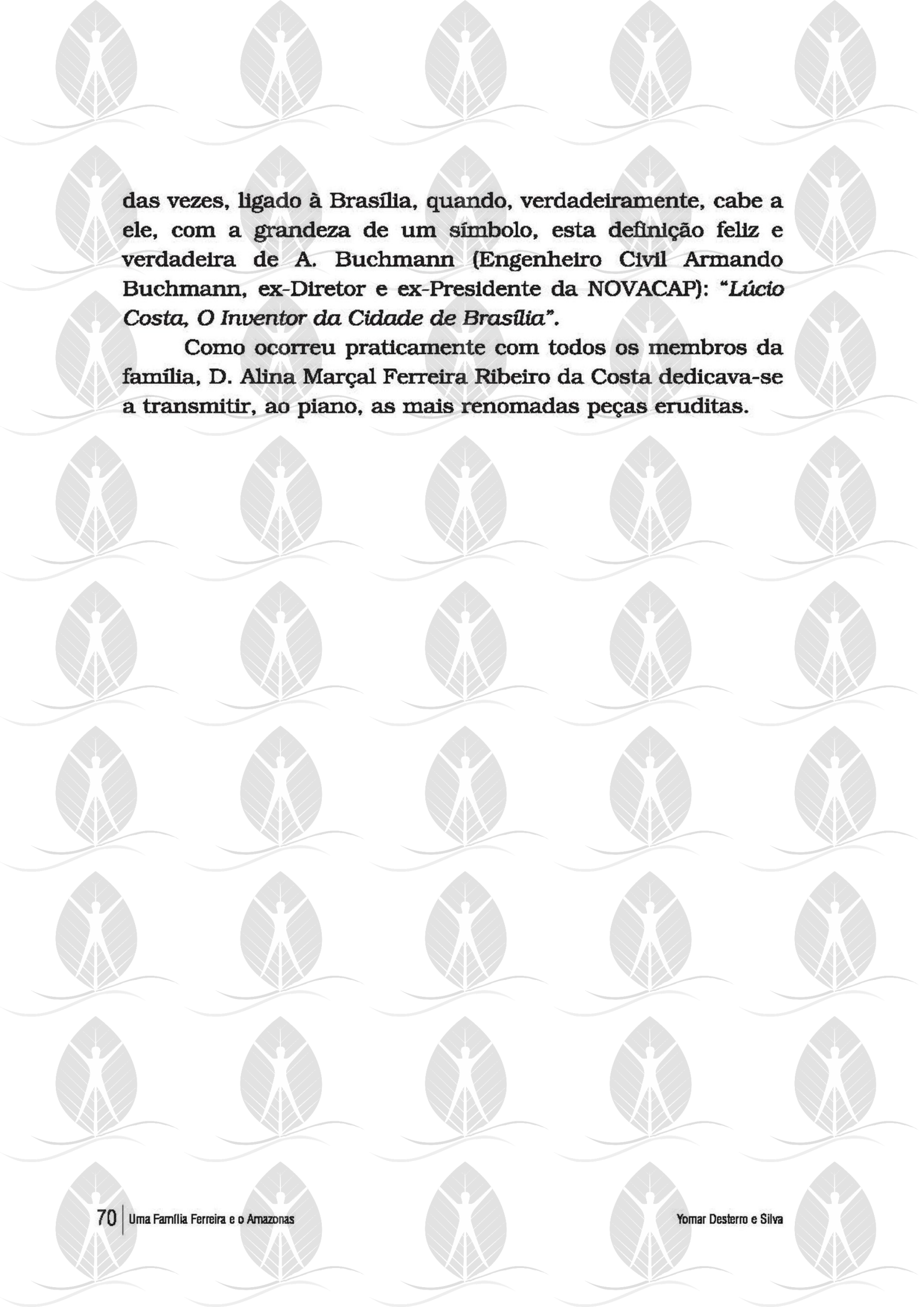
Embora sua vida esteja definitivamente marcada pela Arquitetura, não se limitou a ela. Vários são os artigos na imprensa nacional, ensaios, cartas e depoimentos nos quais

demonstrava, com sua admirável inteligência, conhecimentos bastante amplos e diversificados, vários com fundamento sociológico e sempre registrando sua esperança em um Brasil grande. Dentre esses trabalhos, no seu livro “Registro de uma Vivência”, cobrindo o período de 1986 a 1994 – com vários trechos transcritos na obra “Com a palavra Lúcio Costa”, organizada, com esmero, por sua filha Elisa Costa, nele se apresenta com toda a sua lucidez e grandeza de pensamento. Revelando o quanto valorizava a música – a grande marca da *Família Ferreira* –, ele afirma: “Arquitetura e música são irmãs, manipulando uma e outra o tempo e o espaço.”

Indiscutivelmente, entretanto, foi como arquiteto que Lúcio Costa marcou uma época na história e no desenvolvimento do País, o que levou Lauro Cavalcanti a afirmar, no ano de 2000: “*Raras figuram alteraram tão positivamente a face do país quanto Lúcio Costa.*”

Respeitado e admirado pela lucidez de suas idéias, princípios e traços arquitetônicos, que ultrapassaram as fronteiras nacionais, trouxe ao Brasil, entre outros, Le Corbusier, de quem era dileto amigo; e foi autor dos anteprojetos da Casa do Brasil na Cité Universitaire, em Paris e Pavilhão do Brasil para a New York World’s Fair, de 39. Várias foram as obras reveladoras de sua genialidade, como o Ministério da Educação, conjunto de edifícios residenciais no Parque Guinle, sede social do Jockey Club do Brasil e Plano Piloto para a Baixada de Jacarepaguá, hoje Barra da Tijuca, todas no Rio de Janeiro. Bastante lamentável é que não haja sido chamado a registrar sua presença no Amazonas, berço de sua família, pelo ramo materno.

Vivendo 96 anos, quase um século, vários serão os séculos, certamente, em que ele será lembrado, muito embora o brasileiro comum o desconheça, já que, ante sua simplicidade, apenas o nome de Oscar Niemeyer é, na maioria



das vezes, ligado à Brasília, quando, verdadeiramente, cabe a ele, com a grandeza de um símbolo, esta definição feliz e verdadeira de A. Buchmann (Engenheiro Civil Armando Buchmann, ex-Diretor e ex-Presidente da NOVACAP): *“Lúcio Costa, O Inventor da Cidade de Brasília”*.

Como ocorreu praticamente com todos os membros da família, D. Alina Marçal Ferreira Ribeiro da Costa dedicava-se a transmitir, ao piano, as mais renomadas peças eruditas.



ESCOLA MUSICAL ANNA CAROLINA

Pianista Anna Carolina

Interrompem-se agora, com este capítulo, os relatos sobre os componentes da *Família Ferreira* que contribuíram, de modo efetivo, para o desenvolvimento do Amazonas, ou tornaram seus nomes capazes de orgulhar os amazonenses.

Duas sempre foram as características dessa família, no decorrer de mais de um século e meio: o Ensino e a Arte.

O Ensino, que se manifestou desde a D. Libânia Theodora, primeira professora pública do Amazonas e se estendeu às suas netas Alina Marçal de Carvalho Ferreira e Regina Ferreira Xavier e às suas bisnetas Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva, cuja obra extraordinária é objeto de capítulo especial; Maria Augusta Ferreira Xavier, que se

dedicou principalmente ao ensino das letras, durante 42 anos, lecionando no “Grupo Escolar Princesa Isabel” e ministrando aulas particulares; Maria de Fátima Xavier Berutti, que participou da direção da Escola, na qual ensinou piano a diversas crianças e jovens e era formada em Educação Infantil pelo Instituto de Educação, onde atuou como professora e em cuja função é hoje aposentada; e Maria Auxiliadora Xavier Leão, que também se apresentou, ao piano, em várias audições públicas e, em 15 de outubro de 1959, participou de um programa comemorativo do “Dia do Professor”, na Sociedade Amazonense de Professores, ao reger uma bandinha rítmica composta de 50 alunos da Escola.

A Arte, que já se mostrara nítida em Marçal Gonçalves Ferreira, ao manter reserva para a temporada de óperas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, estendeu-se a seus filhos Olavo Augusto e Alina Marçal, que executavam, juntos, peças ao piano; José Maria, crítico musical; Idalina Cândida, esposa de José Maria, que fundou a Escola “Anna Carolina”; Regina e Alina, filhas desse casal; e às bisnetas da D. Libania já mencionadas, voltadas ao ensino de letras e de piano.

Embora a Música tenha sido o grande norte da família, a Arte também teve seu lugar destacado nas obras do engenheiro Olavo Augusto, nos traços geniais de Lúcio Costa e chegou aos bisnetos do casal Marçal/Libânia, no desempenho de Anaid Thaumaturgo de Azevedo, sob o codinome “Diana”, no Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; na capacidade declamatória de Maria Amélia Ferreira Machado e Silva e na participação de Mário Geraldo Ferreira Xavier tanto em peças teatrais como no Coral “João Gomes Júnior”, criado em Manaus há mais de 50 anos, no dia 19 de março de 1956.

Esses elementos culturais sempre se juntaram, em união perfeita, neles se identificando, de forma clara, a arte do ensino e o ensino da arte.

As aptidões musicais dos membros da família culminaram com a criação, pela D. Idalina Cândida de Carvalho Ferreira, em 08 de janeiro de 1934, da “ESCOLA MUSICAL ANNA CAROLINA”.

Sua primeira sede situava-se na Rua Ajuricaba, atual Monteiro de Souza, em frente à então Secretaria de Fazenda do Estado, outrora chamada Tesouro do Estado. Após algumas mudanças de endereço, suas últimas quatro sedes foram: Rua Ramos Ferreira, 439, Aparecida; Rua Dez de Julho, 625, Centro; Rua Rio Içá, 520, Vieiralves; e Rua Costa Azevedo, 147, Centro.

O nome dado à Escola adveio da forte amizade e admiração mútua existentes entre a D. Idalina Cândida e a excelsa pianista Anna Carolina Pereira da Silva.

Anna Carolina, como era conhecida nos meios artísticos, nasceu no Estado do Pará, em 13 de outubro de 1910 e faleceu no Rio de Janeiro em 05 de junho de 1995.

Apresentou em Manaus, em várias ocasiões, belíssimos recitais de piano. O primeiro deles teve lugar no dia 26 de julho de 1930, no salão nobre do Ideal Clube, quando executou peças de Chopin, Schumann, Moszkowski, H. Oswald, Liszt e Paganini.

Já então, embora ainda não houvesse completado 19 anos, conquistara o Primeiro Prêmio (Medalha de Ouro) do Instituto Nacional de Música. Uniram-se a ele, no decorrer de sua vida como concertista e estudiosa da Música, vários outros prêmios e funções, que bem expressam a dimensão de sua arte: Professora Honorária da Universidade Católica de Salvador (BA), em 1934; Regente da Cadeira de Piano do Instituto Carlos Gomes, em Belém (PA); e Doutora em Música, após haver defendido teses em concursos para Docência Livre e para Catedrático. Em 1965, no Rio de Janeiro, conquistou a Cátedra de Piano da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Sua tese teve como título “Frederico Chopin e sua Sonata Op. 58” e nela historiou, com minúcias, a vida do compositor e o romantismo de suas composições.

Vários foram seus alunos que se tornaram pianistas consagrados e exerceram funções destacadas no cenário musical do Brasil e do exterior. Dentre eles, a musicista Maria Tereza Madeira, Bacharel em Piano pela Escola de Música da UFRJ e Mestre em Música pela University of Iowa, que divulgou a música brasileira em diversas cidades dos Estados Unidos e integrou o júri do 11º Concurso Nacional de Piano Arnaldo Estrella, realizado pelo Centro Cultural Pró-Música, ao lado de figuras exponenciais como Gilberto Tinetti e Joel Bello.

Ao longo de sua vida foi ovacionada por platéias do Brasil e do Exterior, principalmente no Uruguai, de cuja

imprensa (jornais “El Pueblo”, “El Plata”, “El Diário” e “El Dia”) recebeu entusiásticos elogios, como já ocorrera em nosso País, no “O Globo”, “Diário de Notícias” e Correio da Manhã”.

Em Manaus, entre outros diversos comentários publicados sobre os concertos apresentados por Anna Carolina, destaca-se um alentado artigo de Péricles Moraes, autor de “Legendas & Águas Fortes”, escritor que presidiu a Academia Amazonense de Letras durante vários anos. Desse artigo, intitulado “O esplendor de uma glória - Anna Carolina”, são transcritos os trechos abaixo:

A influencia poderosa do seu temperamento, os grandes deuses da technica, da harmonia, do colorido e da sensibilidade musical, vivem e fremem, sob a magia do seu talento prodigioso. Os seus dedos, os dedos cerebraes de Anna Carolina, parecem marcar as oscilações da tensão psychologica da alma humana.

.....
O seu nome, que constitúe com os de Guiomar Novaes e Antonieta Rudge Muller, o tryptico solar das pianistas do Brasil destes dias, representa nas altas esferas da nossa cultura artistico indice de uma victoria incomparavel.

Ligado a ela por forte amizade, Arnaldo Rebello – um dos maiores e mais festejados nomes na composição de peças para piano com temas amazônicos, ao lado de Lindalva Cruz - lhe dedicou a peça “Tuxaua – Pontelo Amazônico n.º 2”, de sua autoria, em 1967.

O último recital de Anna Carolina, apresentado no Centro de Letras e Artes da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocorreu em 17 de outubro de 1994.

Intitulado “Programa Chopin”, conteve “Noturno”, “Fantasia Improviso”, “1.º Scherzo”, “Grande Valsa Brillhante” e a “Sonata Op. 58”, obras do gênio musical.

Cerca de dez anos depois de tê-la fundado, D. Idalina Cândida passou o seu comando à filha Alina Ferreira, que recebeu a colaboração de sua irmã Regina Xavier. Posteriormente, essa direção passou às mãos de Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva. Da Escola também participaram Maria Augusta Ferreira Xavier, com destaque nos ensaios e regência de bandinhas rítmicas; e ainda Maria de Fátima Xavier Berutti e Maria Auxiliadora Xavier Leão, as quais várias vezes se apresentaram em recitais pianísticos e que, enquanto permaneceram em Manaus, se dedicaram ao ensino de piano.

A Escola Musical “Anna Carolina” que representou um marco no ensino da música no Amazonas, foi, sem qualquer dúvida, uma bela e a mais duradoura contribuição para a cultura da música no Estado. Conforme levantamento realizado por uma equipe do Centro Cultural dos Povos da Amazônia, da Secretaria de Cultura do Amazonas, sob a supervisão de uma bibliotecária especializada, seu acervo musical, além de dois pianos, quadros, placas de prata, flâmulas, medalhas, metrônomo, etc., está representado por 1.249 partituras, 486 livros sobre a vida de compositores e teoria musical; 645 fotos com hemeroteca, sendo 378 em preto e branco e 267 coloridas; e 777 fotos em álbum, 529 em preto e branco e 248 coloridas. Vários desses documentos, além do seu valor intrínseco, apresentam o da antigüidade, pois já não são mais encontrados, atualmente.

Centenas, várias centenas foram os alunos dessa Escola, que formou diversas recitalistas e professoras de piano, muitos dos quais tiveram destacado sucesso nos palcos e no exercício de suas atividades ligadas à arte. Houve

ocasiões em que estudavam nessa Escola, a um só tempo, cerca de 150 alunos.

Em meio a oito páginas que dedicou à “Escola Musical Anna Carolina”, em sua bela obra “*Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*”, Moacir Andrade, pintor e escritor amazonense, escreveu:

É muito difícil haver uma família tradicional de Manaus que não possua um membro que não tenha sido aluno da Escola Musical Anna Carolina, que não tenha realizado um recital de piano num auditório dos muitos que Manaus possuía. Muitos salões na capital amazonense ficaram famosos através dos inúmeros recitais promovidos pela Escola Musical Anna Carolina ao longo desses 50 anos de gloriosas tradições, entre os quais o Salão da Sociedade Amazonense de Professores, na Avenida Eduardo Ribeiro e o auditório da Escola Técnica de Manaus.

Seu encerramento ocorreu no dia 6 de outubro de 2004, de forma inesperada e bastante lamentável, após nada menos do que 70 anos e 9 meses educando e cultivando a música em toda a sua plenitude e com toda a sua beleza, no decorrer de várias gerações. Sua última sede funcionou na Rua Costa Azevedo, cujo nome fora, antes, “Rua Feliz Lembrança”, em uma prévia e exata definição que persiste, inabalável, em inúmeras pessoas.

Na noite daquele dia, ponto final de uma escola que, no ensino das artes musicais, juntou a sua rica e duradoura história à história do Amazonas, a Professora Maria Izabel Desterro e Silva foi acometida de um problema cardíaco, que terminou por vitimá-la em 15 de fevereiro de 2005.

Ainda em 6 de outubro ensinou piano, com a alegria, o prazer e a competência de sempre.

**Estivera dando, sem o saber, a Aula da Saudade.
Havendo a Escola Musical “Anna Carolina” sido desfeita,
deixando uma belíssima história para os pósteros, seu acervo
foi doado para a Secretaria de Estado de Cultura do
Amazonas, que o conservará em centros culturais mantidos
por ela, para exposição pública.**

Este acervo consta do seguinte:

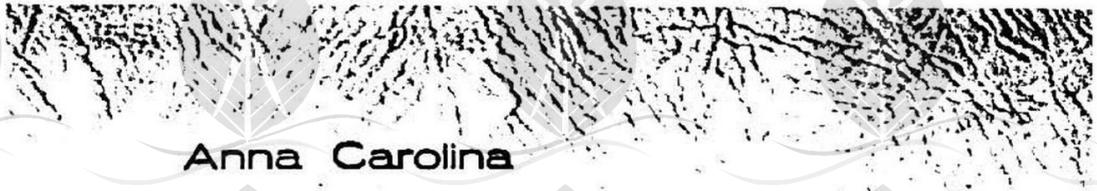
- Um piano marca “Essenfelder”.
- Um piano marca “Fritz Dobbert”.
- Seis bustos de compositores musicais, sendo 5 em louça e 1 em bronze.
- Um quadro ctografia da Prodessora Idalina Cândida de Carvalho Ferreira, fundadora da Escola Musical “Anna Carolina.
- Um quadro de Santa Cecília, Padroeira da Música.
- Um quadro com fotografia do compositor Carlos Gomes.
- Um quadro estampando vários compositores musicais de renome.
- Cento e quarenta e quatro discos de vinil, com músicas clássicas de diversos compositores.
- Várias medalhas de “Honra ao Mérito”, as quais eram oferecidas às alunas da E.M.A.C.que mais se destacavam
- Um metrônomo.
- Flâmulas comemorativas do Jubileu da Escola.
- Biblioteca musical, contendo:
Livros sobre a Música e as vidas de compositores musicais de renome;
486 (quatrocentos e oitenta e seis);
Partituras musicais: 1.249 (mil, duzentas e quarenta e nove);

Fotos sem hemeroteca no álbum: 777 (setecentas e setenta e sete), sendo 529 (quinhentas e vinte e nove) em preto e branco e 248 (duzentos e quarenta e oito) coloridas.

Fotos com hemeroteca: 645 (seiscentas e quarenta e cinco), sendo 378 (trezentos e setenta e oito) em preto e branco e 267 (duzentos e sessenta e sete) coloridas.

Ante o aspecto de raridade do metrônomo doado à Secretaria de Cultura, por sua origem francesa e haver sido fabricado no ano de 1930, ele foi integrado ao Museu do Teatro Amazonas, mantido pelo Governo do Estado.

Ao efetivar essa doação, a *Família Ferreira* não somente teve o propósito de render sua homenagem ao Estado que a viu crescer e ao qual dignificou. Objetivou, também, oferecer às gerações vindouras a possibilidade de, nesses centros de cultura, tomar conhecimento de que, através da Música, por ela transmitida a várias outras gerações que as antecederam, há um pedaço maravilhoso da História do Amazonas.



Anna Carolina

FREDERICO
CHOPIN E SUA
SONATA Op. 58

RIO — 1965

Capa da tese defendida pela pianista Anna Carolina, com a qual conquistou a Cátedra de Piano da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.



IDALINA CÂNDIDA DE CARVALHO FERREIRA

Nascida no dia 28 de junho de 1869, na cidade de Coimbra, Portugal, em uma família de alta linhagem, com o nome de Idalina Cândida de Freitas Barros Duarte de Carvalho, era filha de José Duarte de Carvalho, general do Exército Português, que serviu nas Províncias de Além-Mar e faleceu ainda jovem, vítima de aneurisma, em um navio que o levava de volta a Portugal; e de D. Ermelinda de Freitas Barros Duarte de Carvalho, também de origem portuguesa.

Educada com requinte, algumas vezes acompanhou o pai em suas viagens, nas quais conheceu cidades da Europa e da África, como Bruxelas, Paris, Londres, Macau, Moçambique, Rodésia, Angola, Zaire e várias outras, o que lhe

ofereceu oportunidade de conhecer boa parte do mundo de então e de, nas Capitais européias, assistir a apresentações dos mais renomados compositores e concertistas, vários dos quais participam da história universal da Música. Ainda hoje existem na *Família Ferreira*, embora com visíveis sinais de deterioração, objetos trazidos de Macau, trabalhados com esmero.

Quando não seguia com os pais em suas viagens, ficava com os avós. Quem a levava à escola era o seu avô, homem dedicado aos estudos de ornitologia, ciências naturais, botânica. Havendo um bosque no caminho da escola que ela freqüentava, ele sempre parava e mostrava à sua neta a beleza das árvores, pássaros, flores, regatos e tudo o que indicasse o valor da vida na natureza. Dizendo-lhe que, muitas vezes, era mais fácil, do que nas escolas, aprender-se olhando e admirando a natureza e procurando entender-se as suas origens e seus aspectos, sentavam em bancos desse bosque, quando lhe transmitia os seus conhecimentos. Ao recordar-se desses momentos de sua infância, a D. Idalina contava, com alegria, ter havido ocasiões em que, entretidos nessas conversas, decorriam as horas e ela não chegava à escola; seu avô, nessas oportunidades, recomendava-lhe que nada dissesse à sua avó, porque ela ficaria bastante aborrecida com ele. Lembranças, como essa, aquela luzitana de porte miúdo e espírito fértil de emoções guardava com carinho.

Ainda bem jovem, com 12 anos de idade, já falava francês com desenvoltura e se apresentava ao piano em reuniões lítero-musicais em sua casa e nas de famílias amigas, obtendo continuamente aplausos e admiração. Aos 18 anos, formou-se no Conservatório de Música de Lisboa, cuja alta qualidade artística a credenciava a apresentar-se em qualquer palco europeu.

Contraiu matrimônio com José Maria Rodrigues Ferreira (Juca), um dos filhos de Marçal/D. Libânia, estudante de medicina que a conheceu no meio artístico de Portugal. Na verdade, foi a música clássica que os uniu.

O casal teve seis filhos: Alina Marçal, Marçal Duarte, Henrique Júlio, Maria Regina, Emanuel e Manuela.

Marçal Duarte era contabilista, função que exerceu, durante longos anos, na tradicional firma amazonense S. Monteiro & Cia. Ltda. Casou-se com a Sra. Alzira Franco Ferreira, com a qual teve três filhas: Maria Tereza, casada com Áureo Melo, poeta e romancista, que foi deputado estadual e representou o Amazonas na Câmara dos Deputados e no Senado Federal; Maria Amélia, casada com Carlindo Machado e Silva, de tradicional família amazonense e destacado funcionário do Ministério da Fazenda, hoje aposentado; e Maria da Graça, casada com Hebel Schalcher, maranhense, funcionário aposentado do Banco do Brasil.

Henrique Júlio era farmacêutico e também devotado à música, em execuções ao violão ou a revelar sua bela e clara voz. Como farmacêutico, desempenhou essa atividade na então famosa “Drogaria Universal”, sediada na Rua Marechal Deodoro, centro da cidade. Foi sua esposa a Sra. Neuza Arnaud Ferreira, com a qual teve uma filha, Nice, hoje funcionária do Senado Federal e viúva do Dr. Vivaldo Palma Lima Filho, médico dos mais respeitados no País, filho do Dr. Vivaldo Palma Lima, que veio a dar seu nome ao estádio de futebol de Manaus, conhecido como “Vivaldão”. Juntamente com o seu irmão Marçal, Henrique Júlio foi proprietário da firma “Guaraná Gleba Ltda.”, a qual, durante vários anos, produziu o guaraná “Gleba”.

Emanuel, irmão gêmeo de Manuela, do lar, foi funcionário da Alfândega, em Manaus e São Paulo; casou com a Sra. Dulce Aguiar Ferreira e teve três filhos homens – Luiz

Celso, José Maria e João Batista – e quatro filhas: Idalina Maria, Maria Clara, Maria de Lourdes e Maria do Perpétuo Socorro.

As filhas Alina Marçal e Maria Regina, dada a sua participação na Escola Musical “Anna Carolina”, terão suas vidas melhor explicitadas no decorrer deste livro.

Havendo tido diversos netos e bisnetos, já eram 18 os netos de D. Idalina Cândida, quando faleceu.

Ao casar-se, D. Idalina veio morar em Manaus, onde passou a lecionar piano e francês. Inicialmente, quando ainda era desconhecida a sua capacidade, dava aulas adotando o sistema de “trocas”: quando os pais de seus alunos eram, por exemplo, odontólogos ou proprietários de sapatarias, suas aulas eram pagas com serviços dentários e calçados para os seus filhos. Algum tempo depois, essas aulas passaram a ser pagas em dinheiro, normalmente.

No dia 08 de janeiro de 1934, com o apoio e auxílio de seu marido, fundou a Escola Musical “Anna Carolina”, nome que adveio de sua amizade com a pianista Anna Carolina Pereira da Silva. Em “*Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*”, Moacir Andrade assinala:

Muitas alunas matricularam-se na sua escola que, já no ano seguinte, apresentavam a sua primeira audição recebendo aplausos de toda a sociedade de Manaus agradecida pelo esforço e pela tenacidade daquela pequena lusa, mulher dotada de um espírito tão grande e poderoso. A primeira audição da Escola Musical Anna Carolina foi uma verdadeira apoteose de ventura, beleza e encanto. O Teatro Amazonas cheio de gente da melhor estirpe da capital estava ali para aplaudir o trabalho gigantesco daquela extraordinária mulher

cheta de boa vontade que, embora compromissada com sua grande família, encontrou tempo para se dedicar ao ensino musical.

Durante vários anos, não somente ensinou piano, com empenho e desvelo, a muitas dezenas de jovens da sociedade local, como procurou transmitir-lhes os valores da arte pianística. Sua atividade, sem dúvida, foi indiscutivelmente marcante na cultura musical no Amazonas.

Era ela uma mulher consciente de seu trabalho e de atitudes firmes. Entre os documentos existentes, há a carta transcrita abaixo, publicada no “Jornal do Comércio”, no ano de 1949, por si só explicativa, redigida quando já havia passado a direção da Escola à sua filha Alina Marçal de Carvalho Ferreira. Essa carta revela o quanto D. Idalina Cândida era capaz de defender, com energia, o trabalho que executava.

A viúva José Maria R. Ferreira defende-se:

Lendo o Jornal do C. de 6 de Out. de 1949, deparo com uma apreciação do professor senhor Albino Dantas, sobre a homenagem prestada pela S.A.A. ao grande músico polonês Frederico F. Chopin, lamentando que o povo brasileiro, não tenha ainda se libertado do velho costume de incensar os de fora esquecendo as celebridades patricias, como C. Gomes, cujo centenário passou em brancas nuvens.

Perdão, prof. Albino: em 1936 funcionava a E. M. “Anna Carolina”, dirigida por mim e por minha filha, A.M.C.F. (atual diretora desta Escola), à Rua Ajuricaba, nº 57. Foi a E.M.A.C. a única

(infelizmente é verdade) que prestou homenagem ao grande homem, o inesquecível Carlos Gomes.

Sou brasileira pelo coração, mas portuguesa de nascimento. Vivo há 50 anos nesta terra, tendo como professora de piano e música lecionado meia Manaus. Meu marido e filhos são brasileiros e eu me considero brasileira também.

A homenagem que a Escola prestou ao grande mestre foi belíssima, rivalizando com a do governo no Teatro Amazonas. Esta, foi imponente pela orquestração e dirigida pelo maestro Donizetti. O "Jornal" de 8 de julho de 1936 anuncia a nossa visita e de algumas alunas, convidando a redação do "Jornal" e publica o programa da festa, na qual palestrou o Dr. Araújo Lima, sobre a vida de C. Gomes. Conservo ainda para quem duvidar do que escrevo os jornais que falaram da festa, o Álbum com as assinaturas de pessoas gradas e amigas, nossos convidados, e o pano que bordei que cobria a mesa destinada as autoridades com as claves de Sol e Fa, alguns compassos do "Hino da Mocidade Acadêmica", e a canção "Quem Sabe", que êle escreveu na sua terra natal, antes de ir estudar na Europa e a data de seu nascimento. Conservo também como relíquia o livro "Vida de C. Gomes" publicado pelo centenário, oferecido pela minha distinta aluna Elza de Sá Peixoto, que se encontrava então em (no Rio de Janeiro) S. Paulo.

O centenário então como vê, prof. Albino, não foi esquecido...o da morte ficará entregue à mocidade

amazonense de hoje, que ainda sem Conservatório, já é bem encaminhada para a Arte.

Eu falo pela minha ex-Escola “Anna Carolina”, que está atualmente sob a direção de minha filha A.M.C.F, que diga-se não é favor, é uma esforçada pela Arte Musical.

*Idalina Ferreira
a mais humilde professora de Manaus.*

É válido registrar-se que ainda existem, guardados pelos que sucederam D. Idalina, o álbum e a toalha de mesa por ela mencionados.

D. Idalina Cândida de Carvalho Ferreira, depois de tantos anos participando do papel da *Família Ferreira* em prol do Amazonas, faleceu às 14h30 horas do dia 20 de abril de 1954, na Rua Ramos Ferreira, 439, bairro de Aparecida, onde residia.

Encontra-se em poder de descendentes o ofício nº 127, de 26 de abril de 1954, dirigido à Escola Musical “Anna Carolina”, no qual a Secretaria da Assembléia Legislativa do Estado anexa cópia autêntica do requerimento apresentado, no dia 22 desse mesmo mês, pelo Deputado Ney Rayol, pedindo a transcrição de um voto de pesar à família e à Escola, o que foi aceito por todos os seus pares. Nesse documento, o ilustre deputado tece as mais elogiosas referências à D. Idalina,

cujos 82 anos de vida grangearam-lhe um lugar de destaque nas artes e na educação do povo amazonense, fazendo com que, num pretto de verdadeira justiça, seu nome aureolado fique gravado na história do nosso Estado.



Fotografia oferecida por D. Idalina Cândida, em 01 de junho de 1882, a José Maria Rodrigues Ferreira (Juca), com esta dedicatória: "Ao meu querido e adorado Juca, oferece a sua feia Idalina".

A minha José Maria L. Ferreira defen-
de-se.

Seendo o jornal do C. de 6 de Out.
de 1949, deparei com uma apreciação
do professor senhor Albino Dantas, sobre
a homenagem prestada pela S. A. A.
ao grande músico polonês, Frederico
F. Chopin, lamentando que o povo bra-
sileiro, não tenha ainda se libertado do
velho costume de incensar os de fora
esquecendo as celebridades pátrias, como
L. Gomes, cujo centenário passou em
brancas nuvens.

Perdão, prof. Albino: em 1936 fun-
cionava a C. M. "Ana Carolina" diri-
gida, por mim e por minha filha,
A. M. L. F. / atual diretora desta C.

a Rua Ajuicalba n.º 57. Foi a E.
A. C. a única (infelizmente é verdade)
que prestou homenagem ao grande homem,
o inesquecível, Carlos Gomes.

Sou brasileira pelo coração, mas por-
tuguesa de nascimento. Vioo a 10 anos
nesta terra, tendo como profissão de
piano e música lecionado meu Manuã.

Meu marido e filhos são brasileiros
e eu me considero brasileira também.

A homenagem que a Escola, prestou
ao grande mestre, foi belíssima, re-
alizando com a do governo no Teatro
Amazonas. Esta, foi imponente pela
orquestração, e dirigida pelo maestro
Donizetti. O "Jornal" de 8 de julho
de 1936 anuncia a nossa visita

e de algumas alunas, cuidando a redação do "Jornal" e publica o programa da festa, na qual palestrou o Dr. Araújo Lima, sobre a vida de G. Gomes. Conservei ainda para quem duvidar do que escrevo os jornais que falaram da festa, o Álbum de ~~arte~~ com as assinaturas das pessoas gradas e amigas, nossos convidados, e o pano que bordei que cobria a mesa destinada as autoridades com as claves de Sol e Fa, alguns compassos do "Hino da Mocidade Acadêmica", e a canção ~~que ele escreveu~~ "Quem sabe", que ele escreveu na sua terra natal, antes de ir estudar na Europa, e a data do seu nascimento. ~~Conservei também~~ como relíquia o livro "Conversa com G. Gomes".

publicado pelo centenário oferecido pela
minha distinta aluna Elza de Sa'
Peixoto, que se encontrava então ^{em} no
Rio de Janeiro. O ~~seu~~ Sr. Paulo

O centenário então como vê, prof.
... .. foi da
morte ficara entregue a mocidade a-
mazoneense de hoje, que ainda tem
Conservatório, faz e bem encaminha
da para a arte,

Eu falo, pela minha ex-Escola
"Anna Carolina", que está atualmen-
te sob a direção de minha filha
A.M.C.F., que diga-se não é favor
é uma esforçada pela arte musi-
cal.

Idalina Ferreira
a mais humilde professora
de Manaus

Defesa da Escola Musical "Anna Carolina", apresentada publicamente pela Professora Idalina
Cândida de Carvalho Ferreira.



Homenagem
da
Escola Musical
"Anna Carolina"
à
Carlos Gomes
No Centenario do seu Nascimento

11 Julho

1836

1936



Capa do álbum emitido como parte das homenagens prestadas pela Escola Musical "Anna Carolina" ante o centenário do Nascimento do Compositor Carlos Gomes.

ESCOLA MUSICAL
"ADA CAROLINA"

DIRIGIDA PELAS PROFESSORAS

D. D. IDALINA e ALINA FERREIRA

Rua Ajuricaba, 57 — MANAOS

HORA MUSICAL

HOMENAGEM A CARLOS GOMES

QUINTA-FEIRA, 9 de Julho de 1936

Às 20 e 1/2 horas

PRIMEIRA PARTE

Palestra — Pelo DR. ARAUJO LIMA

SEGUNDA PARTE

- 1 — CARLOS GOMES — *Guarany* — (Ceremonia) Ballo e Passo Selvaccio — Pela alumna Lourdinha Carvalho
- 2 — CARLOS GOMES — *Guarany* — Fantasia Brilhante — Pela alumna Senhora Daisy Camara Bustos
- 3 — CARLOS GOMES — *Quem sabe?* (Modinha) — Pela alumna Iris Violeta Sanches, acompanhada pela Senhorinha Elsa Fernandes da Costa e Professor J. Carlos de Moraes
- 4 — CARLOS GOMES — *Guarany* (Simphonia) — Pela alumna Nair Martins.
- 5 — CARLOS GOMES — *Hymno á mocidade academica* — Cantado pela alumna Iris Violeta Sanches, acompanhada por toda a escola.



ALINA MARÇAL DE CARVALHO FERREIRA

Filha de José Maria Rodrigues Ferreira e Idalina Cândida de Carvalho Ferreira, D. Alina Marçal de Carvalho Ferreira nasceu em Manaus em 20 de julho de 1898 e faleceu em 24 de novembro de 1990, aos 92 anos de idade.

Aos 7 anos, iniciou seus estudos de piano no “Instituto Musical Joaquim Franco”, nesta Capital. Dois anos após, passou a receber a orientação de sua mãe, D. Idalina Cândida, com a qual os completou, havendo sido diplomada em 07 de novembro de 1936. Anos depois, recebeu o Certificado de Habilitação como Pianista, expedido pelo Conselho Federal da Ordem dos Músicos do Brasil. No decorrer de toda a sua vida procurou manter-se atualizada, participando de cursos,

assistindo palestras e tudo o que julgasse válido para o seu aperfeiçoamento.

Solteira, sua vida foi inteiramente voltada à família e à música, havendo colaborado com a sua genitora, desde cedo, no ensino do piano.

Ante seus reconhecidos méritos, no ano de 1944 a D. Idalina Cândida lhe entregou o comando da Escola Musical “Anna Carolina”. D. Alina passou, então, a dirigi-la, no que foi apoiada por sua irmã, Regina Ferreira Xavier.

Sob sua direção, a Escola teve um considerável desenvolvimento, não apenas pelo ensino de piano a centenas de moças e rapazes da sociedade amazonense, como pela apresentação constante de seus trabalhos em recitais no Teatro Amazonas, Sociedade Amazonense de Professores, rádios, saraus em casas de família (como era costume na época), etc.

Além de diversas outras participações em apresentações de arte levadas ao ar pela rádios locais, destaca-se o programa “Cultura Artística”, da Rádio Difusora do Amazonas, no ano de 1950, às terças e quinta-feiras, dirigido pela Prof. Alina Ferreira, nos quais eram executadas peças dos mais conhecidos compositores mundiais, como Chopin, Chaminade, Liszt, Beethoven e vários outros, entre eles renomados brasileiros, como Villa-Lobos, Barrozo Netto, Custódio Goes e Frutuoso Viana. As músicas eram apresentadas por alunos da Escola Musical “Anna Carolina”, destacando-se, ante seu acurado desempenho, Maria Izabel Ferreira Xavier, Ivette Freire Ibiapina e Casemiro Grangeiro Filho, que, em 4 de Novembro de 1953, apresentou um recital no Teatro Amazonas, quando, então, beneficiado por uma bolsa de estudos fornecida pelo Governo Estadual, havia complementado seus estudos no Rio de Janeiro, recebendo a

orientação da Prof. Hermínia Roubaud e aulas de alta interpretação de Madalena Tagliaferro.

Destacando-se entre as centenas de alunos seus, Maria Izabel e Ivette Ibiapina em várias oportunidades apresentaram execuções ao piano a quatro mãos; em duas ocasiões, no ano de 1949. Uma, no dia 15 de junho, com a apresentação da peça “Sonata Quase uma Fantasia”, de Beethoven; outra, em 05 de setembro, com “Estudo – Ópera 10 n.º 12”, de Chopin.

Dentre os grandes amigos que a prestigiavam e à Professora Regina Xavier contam-se, especialmente, Arnaldo Rebello e Lindalva Cruz, pianistas consagrados nacionalmente e musicistas cujas composições, normalmente voltadas a temas amazônicos, foram executadas não somente por eles próprios, como por diversos pianistas de justificado conceito nacional. Essas amizades tiveram início ainda com a D. Idalina Cândida e se estenderam até a última das dirigentes da Escola Musical “Anna Carolina”, Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva.

Uma partitura musical, dentre as 1.249 que fazem parte do acervo da Escola, é a peça “Tuxaua – Ponteio Amazônico n.º 2”, da autoria de Arnaldo Rebello, que foi oferecida à D. Alina Ferreira, nos seguintes termos: *“Para a minha querida amiga e colega Alina Ferreira, este primeiro exemplar que chega a Manaus da minha singela peça mais recente, dedicada à patrona de sua Escola - Anna Carolina. Arnaldo Rebello. Rio, 10 de outubro de 1967.”*

Por sua vez, a pianista Lindalva Cruz, reconhecendo o valioso trabalho encetado pelas dirigentes da Escola, ofereceu a esta, em outubro de 1955, uma taça pela qual a homenageou.

D. Alina Ferreira era uma pessoa admirável, de espírito forte, tenaz, de grande capacidade de trabalho e desvelo com que ensinava. Quem simplesmente a olhasse, com seu físico

fino e alongado, jamais seria capaz de imaginar o quanto de energia ela guardava em si.

Atuante e respeitada por todos, participava dos eventos musicais que ocorriam em Manaus e de entidades voltadas à Arte, havendo sido Presidente da Sociedade Artística do Amazonas e Diretora da Sociedade Amazonense de Professores.

Dedicava-se, permanente e empenhadamente, à sua família, principalmente aos seus sobrinhos e sobrinhos-netos, dentre eles à sua sobrinha Maria Izabel Ferreira Xavier, a quem tratava como se fosse uma filha e na qual sentia ser, como de fato foi, a continuadora da obra iniciada por sua mãe, D. Idalina Cândida, e por ela impulsionada.

Sempre recepcionava (no que foi seguida pela sua sobrinha Maria Izabel) os artistas que vinham a Manaus, não somente os que se dedicavam ao piano, mas a outros instrumentos musicais, declamadores, etc. Entre os artistas aos quais serviu de cicerone durante sua estada em Manaus, registra-se a extraordinária pianista Guiomar Novaes, que teve oportunidade de, em 30 de julho de 1970, dedicar-lhe uma fotografia.

Mantinha forte amizade com as pessoas que, em Manaus da época, eram dedicadas à música; dentre elas, o inesquecível Maximino Corrêa, pianista talentoso e famoso por suas recepções a artistas e apreciadores da Arte em saraus nos altos da famosa “Cervejaria Miranda Corrêa”. Ele foi, inclusive, autor de algumas músicas, uma delas com o título “Travessuras”, dedicada a uma de suas filhas, apresentada publicamente por Maria Izabel, em 8 de março de 1943.

Inúmeras foram suas alunas, muitas delas ensinadas em suas próprias residências, às quais transmitia não apenas a técnica pianística, mas também o valor da arte em todas as suas perspectivas. Com destaque para a sua sobrinha Maria

Izabel, também concluíram seus cursos de piano e se distinguiram, entre outras, Mary Benaion, que completou seus estudos no Conservatório Nacional de Música e foi concertista aplaudida pela técnica de suas execuções; as irmãs Rosália, Rosalina e Elvina Oliveira, duas das quais exerceram a função de Alunas-Mestras da Escola e que, após a conclusão dos seus estudos, fundaram uma escola destinada ao ensino do piano; Elsa Teófilo Koller da Cunha, que recebeu o seu diploma em cerimônia pública realizada no Teatro Amazonas no dia 10 de maio de 1944 e que, em decorrência dos conhecimentos adquiridos com a Professora Alina Ferreira, exerceu a função de Diretora do Conservatório Amapaense de Música, para cuja função foi nomeada em Portaria n.º 59/63-DE, baixada, em 4 de abril de 1963, pela Divisão de Educação do Governo do Território Federal do Amapá; e Ivette Freire Ibiapina, que fundou uma escola de piano com o seu nome, a qual tem tido um desempenho de todo elogiável, com apuradas apresentações artísticas nos palcos amazonenses.

Pela sua permanente atividade e seriedade com que realizava seu trabalho, teve sempre o apoio e a admiração da sociedade amazonense, particularmente daqueles que, como ela, se dedicavam à música. A Escola “Anna Carolina” muito lhe deve, como professora de piano e sua Diretora, primeiro de forma isolada, depois tendo ao lado, também como dirigentes, Regina Ferreira Xavier e Maria Izabel Desterro e Silva. Reconhecendo o seu trabalho, a Escola, quando a D. Alina deixou de dirigi-la, outorgou-lhe o título de “Diretora Honorífica”.

Após o seu falecimento, justa homenagem lhe foi prestada, por proposição do médico Dr. Expedito Teodoro, assíduo freqüentador das audições levadas a efeito pela Escola. Quando tinha assento, como Vereador, na Câmara Municipal de Manaus, ao apresentar o seu Projeto de

Redenominação de Ruas, com fundamento no Projeto de Lei nº 183/95, deu o nome de *Alina Ferreira* à antiga Rua 55 do bairro do Japiim, de acordo com o publicado pelo Diário Oficial do Estado, em 20 de junho de 1996.

Ao dirigir expediente comunicando esse fato à Professora Maria Izabel Desterro e Silva, Diretora da Escola, o Vereador Expedito Teodoro asseverou, com indiscutível justiça:

Era preciso resgatar o nome de Alina Ferreira para perpetuar, atribuindo a uma rua. Fico orgulhoso e feliz por ser o viabilizador deste resgate, a fim de que seu nome jamais seja apagado pelos homens e pela história.



Profa. Alina Marçal de Carvalho Ferreira, na festa de formatura em piano da aluna Maria Hercília Tribuzzi.



Certificado de Habilitação pela Ordem dos Musicos do Brasil nas pianista Alina de Marçal de Carvalho Ferreira.



Certificado do Curso Intensivo de Cultura Brasileira, expedido em nome da Professora Alina Ferreira.

Luzana
(Ponteio Amazônico nº 2)
de

Amaldo Rebello

Para a minha querida colega e amiga
Alina Ferreira este primeiro exemplar
que chega a Manaus da minha singela
peça mais recente dedicada à Sathona de sua
Escola - Alina - Amaldo Rebello
Rio de Janeiro 15 de Abril de 1967

Composição "Ponteio Amazônico nº. 2" de Amaldo Rebello, oferecida à Professora Alina Ferreira.

Para ANNA CAROLINA

TUXAUA

(PONTÊIO AMAZÔNICO Nº 2)

ARNALDO REBELLO

Allegretto

p

legato

p



First system of musical notation. It consists of two staves. The upper staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, some with accents. The lower staff contains a bass line with chords and some melodic fragments. Dynamic markings include *ff* and *f*. The instruction *legato* is written above the lower staff. A small note *com 24* is present below the lower staff.



Second system of musical notation. It consists of two staves. The upper staff continues the melodic line. The lower staff continues the bass line. A dynamic marking of *p* is visible in the middle of the system.



Third system of musical notation. It consists of two staves. The upper staff continues the melodic line. The lower staff continues the bass line.



Fourth system of musical notation. It consists of two staves. The upper staff continues the melodic line. The lower staff continues the bass line. Dynamic markings include *cras. c. ace* and *ff*.



GUIOMAR NOVAES

HERBERT BARRETT MANAGEMENT
1860 Broadway New York, N. Y.

Fotografia oferecida pela pianista Guiomar Novaes à Professora Alina Ferreira.



FRANCISCO XAVIER/MARIA REGINA FERREIRA XAVIER

A senhora Maria Regina Ferreira Xavier, mais conhecida como Regina Xavier, tinha o nome, quando solteira, de Maria Regina de Carvalho Ferreira e era filha de José Maria de Carvalho Ferreira e Idalina Cândida de Carvalho Ferreira.

Teve sete filhos: Maria Izabel, Maria Augusta, Francisco Xavier Filho, Olavo Augusto, Maria de Fátima, Mário Geraldo e Maria Auxiliadora, todos nascidos no Amazonas.

Esposa e mãe dedicada, era uma criatura simples e afável, ante o que granjeava a amizade de todos.

Na área musical – verdadeiro símbolo da *Família Ferreira* –, revelou-se excelente bandolinista, de cujo instrumento teve seu pai como mestre; e durante quase toda a vida, foi professora de piano, havendo formado inúmeras alunas, sempre participando da Escola Musical “Anna Carolina”, da qual foi diretora e

professora, juntamente com a sua irmã Alina Ferreira e, posteriormente, também com sua filha Maria Izabel Desterro.

Nascida em 30 de janeiro de 1903, faleceu aos 86 anos de idade, na Rua Dez de Julho, 625, Centro, em 30 de junho de 1989. Apesar de sua avançada idade, lecionou piano até os seus últimos dias.

Quanto ao seu marido, Francisco Xavier, nada melhor do que transcrever este depoimento prestado por sua filha Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva, registrado por Abrahim Baze, em seu livro “125 Anos de História (1873 - 1998) – Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas”:

Francisco Xavier nasceu em Braga, Portugal, no dia 29 de janeiro de 1898, sendo seus pais José Xavier e Isabel Rosa Xavier.

Ainda muito jovem, aos 16 anos, veio para o Brasil, diretamente para Manaus, onde, alguns anos após, constituiu família, ao casar-se com Maria Regina de Carvalho Ferreira, de tradicional família amazonense, que passou a chamar-se Maria Regina Ferreira Xavier. Foram 7 os filhos desse casamento.

Conquistou, em nossa terra, o diploma de contabilista, passando a ocupar o cargo de Contador Chefe da Firma C. F. Baumman & Cia., de origem inglesa. Anos depois e ante o encerramento dessa firma, exerceu atividades na Empresa M. F. Cheuan, dedicada ao comércio de produtos regionais.

Embora tivesse grande apego ao Amazonas, que sempre defendia intransigentemente, jamais se afastou de suas raízes, quer pelas amizades que

cultivou continuamente com vários patrícos seus, quer, muito especialmente, pela sua dedicação à Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas.

A Beneficente era para ele, sem dúvida alguma, uma segunda casa, à qual ofereceu grande parte de sua vida, havendo ocupado inclusive, durante longos anos, o cargo de Tesoureiro dessa Sociedade. Ainda nessa função, faleceu aos 80 anos de idade, no dia 20 de agosto de 1978.

Ele foi, em suma, um exemplo de como brasiletros e portugueses se entrelaçam e se confundem, deixando-nos com a dúvida sobre se ele, como tantos outros, foi um português-brasileiro ou um brasileiro-português.

A exemplo de Marçal Gonçalves Ferreira, avô de sua mulher, foi, através do matrimônio, mais um participante da Família Ferreira que prestou relevantes serviços ao Amazonas, atuando na Sociedade Beneficente Portuguesa, que sempre se constituiu na “menina dos olhos” dos filhos de Portugal radicados neste Estado.



Sr. Francisco Xavier (à direita), em jantar festivo promovido pela Beneficente Portuguesa.



Professora de piano Maria Regina Ferreira Xavier (ao centro), com um grupo de alunas de piano.



Amaldo Rebello, pianista e compositor de músicas com temas amazônicos.



MARIA IZABEL FERREIRA XAVIER DESTERRO E SILVA

Neste último capítulo, uma bela história de vida.

A vida de uma criatura que, como mulher e artista, engrandeceu sua família e a terra que lhe serviu de berço, permanentemente colocando seu talento à disposição da Arte, particularmente a Música; semeando beleza em seus caminhos; criando novas formas de ensino musical a tantos que usufruíram seus ensinamentos; incentivando crianças e jovens a entender a música, em seus diversos sons e tons; dando continuidade, enfim, em grau maior e mais fulgurante, ao indiscutível valor da *Família Ferreira*.

No dia 25 de março de 1929 nasceu, em Manaus, Maria Izabel Ferreira Xavier, primeira dos sete filhos de Francisco

Xavier e Maria Regina Ferreira Xavier. Era hábito, nessa época, que as pessoas amigas visitassem as parturientes e conhecessem os recém-nascidos.

Entre as visitas pelo seu nascimento, houve a do Sr. Cordeiro de Magalhães (seu prenome é desconhecido), homem voltado ao espiritismo e respeitado em seu meio, dada a sensibilidade que possuía e diante da seriedade e convicção com que manifestava a sua crença. Ao aproximar-se do seu berço, exclamou repentinamente e com espanto: *“Mas esta criança é um espírito de luz!”* Essas palavras foram, sem dúvida, premonitórias, pois em toda a sua existência ela espargiu luzes vibrantes de entusiasmo e dinamismo. Luzes de Vida.

Em verdade, a capacidade de querer bem e a sensibilidade sempre estiveram presentes em meio a todos os que, no decorrer dos anos, a cercaram. Não fosse o objetivo deste livro lembrar a saga da *Família Ferreira*, a sua vida, pelo tanto que encerra de grandeza e diversidade, poderia, por si só, ser historiada em uma obra à parte.

Iniciou seus estudos no Jardim de Infância “Visconde de Mauá”, onde participou de várias apresentações. Há um documento registrando que, em uma delas, à frente de 23 colegas, desempenhou o papel de “Primavera”. Demonstrando, assim, desde bem cedo, seu pendor artístico, já anunciava, sem que então se percebesse, que seu futuro seria uma constante primavera, repleta de canteiros nos quais, dia a dia, como flores de felicidade, nasceriam o encanto, a dedicação, a alegria, a vibração, gestos positivos, válidas afirmações e elegias aos sentimentos humanos e às belezas da natureza, através da música.

Já em 1935 passou a freqüentar o “Grupo Escolar Carvalho Leal”. Entre os documentos disponíveis, há uma prova realizada no dia 31 de outubro, ao completar o 1º ano

elementar, na qual se lê esta declaração, assinada por cinco professoras: *“Julgamos aprovada com distinção e louvor”*.

Não menos destacada foi sua presença no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde, conforme diploma existente, datado de 9 de dezembro de 1945, concluiu o curso ginásial. Obteve, nesse Colégio, durante os anos de 1943, 1944 e 1945, diplomas de “Menção Honrosa” em Estudo, Procedimento e Religião.

Passou, em seguida, a estudar no Colégio Santa Dorotéia, no qual concluiu o curso de Professora Normalista em 10 de dezembro de 1947.

Freqüentou, também, o Curso Científico no Colégio Estadual do Amazonas, cuja formatura, na “Turma Antônio Teles de Souza”, teve suas solenidades realizadas nos dias 22, 23 e 24 de dezembro de 1951.



Grupo de alunos do curso primário tendo como professoras, as irmãs Maria Izabel F. X. Desterro e Silva (segunda à direita) e Maria Augusta Ferreira Xavier (segunda à esquerda).

Já nos estudos começou a marcar a sua presença, ante o afimco, a curiosidade pelo saber e o hábito de leitura que, desde cedo, foram características suas. Com esses atributos, destacou-se, na maior parte de sua vida escolar, como a primeira aluna das classes de que participava, angariando sempre a admiração dos seus professores e colegas, que não lhe poupavam elogios.

Logo após completar o Curso de Professora Normalista e com apenas 18 anos, foi nomeada – edição, em 28 de janeiro de 1948, do Diário Oficial do Estado – professora do Grupo Escolar Princesa Isabel, colégio que, na época, recebia os filhos das famílias de maior destaque em Manaus.

Inúmeros foram os seus alunos, dos quais angariava respeito e amizade. Arthur Virgílio Filho, político de fibra, que representou o Amazonas na Câmara Federal e no Senado da República, escreveu no vespertino “A Gazeta”, de 14 de outubro de 1953, um artigo sob o título “Professor – benemérito da Pátria”, no qual ele afirmou:

Exaltarei, na pessoa de D. Romélia de Magalhães Cordeto e de D. Maria Izabel Xavier, todos os professores brasileiros, toda essa falange de abnegados educadores que, nas cidades e nos campos, nas escolas primárias, nos ginásios e nas faculdades, preparam o Brasil do porvir, ensinando, esclarecendo, ilustrando, abrindo as inteligências para os grandes surtos da vida.

É o professor, são as Romélia e Maria Izabel que hoje iluminam os teus primeiros passos, meu filho, na tateante caminhada pelo mundo das letras...

O filho a que o Dr. Arthur Virgílio Filho se referia era o hoje também aguerrido Senador Arthur Virgílio Neto, de destaque nacional incontestado.

Na função de professora pública, sempre se dedicou à apresentação de festas infantis, com declamações, bailados, bandas rítmicas, etc. Através dessas atividades disseminou, em seus pequenos alunos, a idéia de que ao entendimento das letras e dos números deve aliar-se o conhecimento das artes em suas mais diversas facetas, por entender que elas é que humanizam, verdadeiramente, as criaturas.

À vista de seus atributos musicais e em reconhecimento ao trabalho que vinha apresentando no Grupo Escolar Princesa Isabel, no dia 24 de outubro de 1953 foi nomeada, em caráter efetivo, Regente de Canto Orfeônico do Departamento de Educação e Cultura do Estado.

1955.

Um ano especial em nossas vidas, minha e da Maria Izabel. Muito especial, mantido sempre conosco, firmemente guardado em relicários de um amor forte, sólido, firme, coeso, verdadeiro. A partir dessa data e durante mais de meio século, a felicidade passou a estar definitivamente conosco, oferecendo-nos sons de muita ternura, a música do querer bem. Música executada nas teclas dos dias, meses e anos. Música que ainda está comigo, bem comigo, nas lembranças de nossa união. Música que somente Deus terá sido capaz de compor.



Fotografia do nosso casamento, em 22 de janeiro de 1955.



Natural de São Luiz do Maranhão, aportei em Manaus em 24 de dezembro de 1952, a fim de assumir as funções de Escriturário do Banco do Brasil.

Três meses depois, dia do seu aniversário, iniciamos nosso namoro, que teve o seu ápice no dia 22 de janeiro de 1955, quando, com as bênçãos do Padre Pereira Neto, amigo da *Família Ferreira*, que dirigia o Colégio Dom Bosco e foi membro da Academia Amazonense de Letras, contraimos matrimônio. Nosso casamento, extremamente feliz e muito bem sucedido, durou cinquenta anos, havendo as Bodas de Ouro sido comemoradas com simplicidade, em família, em virtude de a Maria Izabel encontrar-se com a saúde seriamente abalada, o que resultou no seu falecimento 24 dias depois.

A partir de então adotou, como nome completo, MARIA IZABEL FERREIRA XAVIER DESTERRO E SILVA e passou a assinar, na maioria das vezes e salvo em documentos oficiais,

MARIA IZABEL DESTERRO E SILVA, com o qual ficou, daí em diante, mais conhecida. Preferia, aliás, assinar o nome Izabel com “s” (Isabel) porque, a seu ver, estaria mais atualizado.

O casal teve seis filhos: Yomar Júnior, José de Ribamar, Isabel Cecília, Érico, Fabíola e Geraldo Antônio.

O entendimento, a atenção mútua e a permanente cumplicidade existentes entre nós eram reconhecidos por muitos que estavam mais próximos. Sobre isso, cabe registrar-se o que foi escrito pelo jornalista Ivo Loureiro, em 25 de dezembro de 1977, no jornal “A Província do Pará”, de Belém, em seu artigo “O Natal, a fraternidade e a família”:

Entre os vários casais presentes, frutos de consórcio feliz, unidos pelos sagrados laços de terno entendimento, lá se encontrava aquele que é formado pelo cavalheiro venturoso e bondoso que é o Dr. Yomar Desterro e Silva e pela esposa, Maria Izabel, a sempre querida e extremosa companheira daquele nosso estimado amigo – um casal (permitam-nos que assim o qualifiquemos) de noivos perenes, em quem realmente o amor do noivado se eternizou.

Na verdade, a nossa vida foi definitiva e constantemente marcada pelo companheirismo e amor, graças, em grande parte, à sua capacidade de compreender e estimular. Nos sucessos profissionais alcançados por mim, tanto em cargos públicos como em atividades em empresas privadas, a sua participação, apoio, aconselhamento e solidariedade foram sempre marcantes, de tal sorte que devo a ela, sem dúvida alguma, parte considerável de meus êxitos.

Sua dedicação à família, particularmente aos filhos, ao lhes orientar e educar, revelaram sua capacidade de ser mãe extremada e preocupada com o seu futuro.

Tratava-se de uma mulher inteligente e lúcida, extraordinária pela diversidade de seus predicados, fundamentação de suas opiniões, senso de organização e grande empenho em tudo a que se dedicava. Católica fervorosa, direcionou sua vida, sem alarde, ao auxílio de necessitados, emprestando sempre sua contribuição aos bazares de caridade promovidos por entidades religiosas e quaisquer outros acontecimentos para os quais, com esse objetivo, fossem requisitadas sua adesão e habilidades. Participou, com empenho, dos trabalhos para a realização do IX Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Manaus no período de 16 a 20 de julho de 1975, em razão do que lhe foi expedido um diploma de Colaboradora Benemérita.

Os auxílios que prestava eram principalmente direcionados às crianças. Pelo menos uma vez ao ano, preparava “kits” para bebês (banheiras, madeiras, chupetas, produtos de higiene, babadouros e roupinhas nas quais pintava temas infantis, etc.), oferecendo-os a mulheres grávidas pobres; e anualmente adquiria vários metros de flanela, que mandava transformar em pequenos cobertores, destinando-os a recém-nascidos em Petrópolis, Rio de Janeiro, para as épocas de frio mais intenso.

Destacava-se pelo seu apreciável conhecimento dos mais diversos temas, ante o seu hábito de ler, constantemente, obras sobre os mais variados assuntos. Seus livros prediletos eram os que tratavam da história das civilizações, bem como da vida dos seus principais personagens. Outro permanente costume seu era o de fazer palavras cruzadas, através do qual procurava exercitar a memória.

Na constante busca de novos conhecimentos e experiências, participou de diversos cursos. Entre eles, os de artesanato em várias alternativas, espanhol, poder da mente, dinâmica de grupo, empostação da voz, dicção, técnica vocal e didática.

Em sua edição de 8 de fevereiro de 1970, o suplemento “Mulher Moderna”, de um jornal de Manaus, registra, sobre ela, entre outras referências:

Uma autêntica espontaneidade é a característica marcante de sua personalidade toda singular. Em qualquer ocasião, no lar ou fora dele, ninguém ainda logrou surpreendê-la desacompanhada de um semblante feliz e riso fácil e simples.

Após essas palavras, lê-se, no mesmo suplemento, este depoimento prestado por ela própria, sobre sua vida:

Falar sobre mim, minha maneira de pensar, meus gostos? Sinceramente, é difícil ser concisa; seria melhor, talvez, falar sobre o que não aprecio, já que são bem poucas essas coisas.

Gosto, sobretudo, da Vida. Da vida vivida assim, plenamente, intensamente, profundamente, em todos os instantes. Da vida que me oferece tudo: a felicidade de haver nascido em uma família organizada; a concretização dos meus estudos de letras e música; a minha realização plena, total, como professora, esposa e mãe.

A minha infância e juventude terão sido iguais às de qualquer um: com seus brinquedos e ingenuidades, com seus sonhos e esperanças.

Na segunda etapa, a do casamento, recebi um marido que apenas uma frase expressa tudo – “é um grande companheiro” – e 6 filhos, aos quais, em comum acordo, procuramos educar e dirigir, acima de tudo pelo exemplo.

Voltaria a ser professora de piano e regente de canto orfeônico, se me fosse dado escolher, ainda outra vez, minha profissão. Tem um sentido completo, para mim, esse meu trabalho, porque me tonifica o espírito.

Entendo, mesmo, que essa é uma das melhores maneiras de que a mulher dispõe para participar de uma comunidade que cresce e se fortalece. Há outras, é fato, porque a mulher moderna não pode negar a sua contribuição, sempre válida, em todos os setores. Não pode, nem deve. Ela tem, hoje, que responder presente a todas as atividades, desde que, porém, saiba não perder sua juventude de espírito e sua feminilidade, já que isso é o que realmente a define.

Minhas viagens têm sido limitadas ao meu próprio país. Mas ainda irei, tenho confiança, conhecer as coisas belas do mundo, para me identificar com o que continuamente leio, sem parar, sem cessar, ganhando o tempo que os lazeres me permitem.

Admirando a vida, não poderia deixar de me extasiar com a Arte, em seu aspecto mais puro, mais humano, que mais nos alcança e nos atinge.

A Arte em todos os seus sentidos, a Arte no teatro, na dança e sobretudo na música.

Se me causa bem-estar e julgo até necessária a vida na sociedade, não chego ao ponto de achar que viver socialmente é um modo de existir. Além dos momentos sociais que os deveres do meu esposo e os meus próprios impõem, prefiro a roda de casais amigos, os jantares íntimos, onde sempre estamos mais à vontade.

Sou, felizmente, de um otimismo quase incorrigível. E quem nos dera que todos fossem assim! É maravilhoso ver as coisas boas, saboreá-las espiritualmente e sentir o mundo e todos como se para todos e para o mundo não houvessem dificuldades e problemas, mas apenas a felicidade que se deseja e a alegria permanente com que se sonha.

E esse meu otimismo se revela, clara e cristalinamente, no meu temperamento alegre e extrovertido, no meu riso que não falta, no carinho que dou aos meus, na capacidade de querer bem a todos e muito, muito especialmente ao meu marido, que é, talvez, a razão desse otimismo.

Sobre o texto acima, escrito a pedido do suplemento jornalístico e no qual a Maria Izabel reflete, nítida e verdadeiramente, embora de modo resumido, sua maneira de

ser, de pensar e seus objetivos, cabem algumas rápidas considerações.

Além das atividades artísticas a que se dedicou, com entusiasmo e empenho, teve sempre destaque tanto na sociedade manauara, como na de Belém, no período de 1975 a 1979, quando exerci o cargo de Diretor do Banco da Amazônia. Constantemente requisitada para os eventos sociais em geral, era admirada tanto pela sua elegância e capacidade de fazer amigas, como pelas recepções que realizava em nossa residência, freqüentadas por pessoas do maior destaque nas sociedades das duas Capitais. Dentre essas recepções, ficou bastante conhecida, em Manaus, a festa em que homenageava Santo Antônio, nosso santo favorito.

Essa festividade junina, que se repetiu por mais de quatro décadas, teve início em família e com um grupo restrito de amigos. Com o decorrer dos anos, foi tomando vulto, de tal modo que, por último, era realizada em um terreno de 600 metros quadrados situado na Rua Jutai, 527, no Vieiralves, que ficava ao fundo de nossa residência, na Rua Içá, 520.

A ela, que chegou a ser referência na sociedade manauara a qual a denominava, muitas vezes, “a festa junina do ano” – compareciam 400 a 500 convidados. Maria Izabel a realizava com sua alegria contagiante e acrescentando, a cada ano, novas idéias, novos folguedos típicos da época. Identificava assim, também nessas ocasiões, seu espírito criativo.

Conheceu, em minha companhia, praticamente todas as Capitais brasileiras, além de outras cidades de maior destaque, como Ouro Preto, Caldas Novas, etc. E dois anos após redigir o texto acima, teve oportunidade de realizar seu desejo de viajar ao exterior.

Participou do “I Congresso Internacional das Antigas Alunas Dorotéias”, em Roma, que reuniu as ex-alunas

Dorotéias de quase todo o mundo e foi organizada pelas Irmãs dessa Congregação.

Essa excursão ocorreu no período de 28 de junho a 11 de agosto de 1972, representando 43 dias de viagem na Europa, nos quais foram visitados dez países: Itália, Áustria, Tchecoslováquia, Alemanha, Suíça, Holanda, Inglaterra, França, Espanha e Portugal. Além das Capitais desses países, teve oportunidade de conhecer diversas outras cidades européias, como Nápoles, Florença, Veneza, Klagenfurt, Munique, Lucerna, Frankfurt, Colônia, Limoges, Lourdes e Zaragoza.

No mês de julho de 1979, voltou a participar de uma nova excursão promovida pela Associação das Antigas Alunas Dorotéias, abrangendo todo o sul do País e visitando o Paraguai, Uruguai e Argentina. Nessa viagem, teve a companhia de suas filhas Isabel Cecília e Fabíola.

No mês de maio de 1981 retornou, agora comigo, a Paris e Londres, havendo visitado, principalmente em Paris, os museus e locais mais representativos da história da França, dos quais já possuía um apreciável cabedal de conhecimentos, através de suas leituras.

Também juntos, após um “tour” pelas principais cidades do sul brasileiro, viajamos até Buenos Aires; e em Agosto de 2000, participamos de uma excursão na qual visitamos 20 cidades européias, especialmente Madri, Segóvia, Salamanca, Toledo e Santiago de Compostela, nas terras espanholas; e Lisboa, Viana do Castelo, Porto, Coimbra e Fátima, em Portugal.

Tantos foram as atividades e os trabalhos de Maria Izabel F. X. Desterro e Silva que, para seu melhor entendimento, os mais importantes deles serão agora distribuídos por assuntos, de forma isolada.

Associação Pestalozzi do Amazonas

Esta Sociedade foi objeto de seu apolo e dedicação durante longo tempo, chegando a participar de sua Diretoria em várias oportunidades. Nos anos de 1980 a 1984 exerceu o cargo de 2ª Vice-Presidente, assim como em 1988; e nos períodos de 1998 a 2000 e 2002 a 2004 teve a função de 1ª Vice-Presidente.

Em sinal de reconhecimento ao seu trabalho, seu esquife seguiu para o cemitério coberto pela bandeira dessa Associação.

Associação das Antigas Alunas Dorotéias

Relevantes, ainda, foram as atividades que exerceu nesta Associação, não apenas participando de quase todos os seus eventos, mas, sobretudo, oferecendo o concurso de suas habilidades e senso organizacional.

Como as Irmãs Dorotéias mantêm uma escola e trabalhos sociais no bairro da Betânia, em Manaus, Maria Izabel oferecia os mais variados tipos de objetos (roupas infantis, bolsas, artigos ornamentais, etc., sempre pintados por ela) que eram vendidos, a preços reduzidos, nos chamados “Bazares da Pechincha”, realizados neste bairro, cujo resultado financeiro era totalmente aplicado no auxílio às famílias mais carentes.

Em várias oportunidades participou da direção desta Entidade. Exercendo a sua Presidência e a do “IV Congresso Nacional das Antigas Alunas Dorotéias”, quando esta completava 25 anos de existência, promoveu encontros e festividades comemorativas, realizando seu encerramento em uma “Hora de Arte” no Atlético Rio Negro Clube, na noite de 8 de julho de 1974, sendo no final ovacionada. Nessa “Hora de Arte”, sob o tema

“Manaus Saudade... Manaus Presença”, com texto, roteiro e coreografia de sua autoria, foi apresentado um desfile das nações que participam do desenvolvimento da Zona Franca de Manaus, com crianças e jovens vestidas com roupas características desses países; conteve, ainda, uma alegoria aos rios Negro e Solimões e o concurso da Orquestra do Teatro Amazonas e do Coral da Universidade do Amazonas, que entoou, ao final, a música “Manaus – 300 anos”, do maestro Dirson Costa.

ATLÉTICO RIO NEGRO CLUBE

HORA DE ARTE



**IV CONGRESSO NACIONAL DAS
ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS**

MANAUS, 8 DE JULHO DE 1974

ÀS 20:30 HORAS

PROGRAMA

MANAUS SAUDADE...

MANAUS PRESENÇA.

Texto, Roteiro e Coreografia

MARIA ISABEL DESTÉRRO E SILVA

Em seu livro *“Colégio Santa Dorotéia - 1910 a 1995”*, Moacir Andrade publica uma fotografia dessa festividade, sob a qual assevera; *“... o desfile das representantes dos Países que participam do desenvolvimento da Zona Franca de Manaus, no Salão dos Espelhos do Atlético Rio Negro Clube. O programa desenvolvido foi uma criação da exímia artista Maria Izabel Desterro e Silva, diretora proprietária do Instituto Anna Carolina de Ensino de Música.”*

No encontro seguinte de que participou, em Recife, foi homeageada, ante a organização dos festejos das Bodas de Prata e pela beleza daquela apresentação artística.

Colégio Santo Antônio

Havendo matriculado no Colégio Santo Antônio, dirigido por irmãs Dorotéias, seus quatro filhos mais novos, quando residimos em Belém, o casal foi indicado para a Presidência do Conselho de Pais e Mestres daquele instituto de ensino.

Revelando, mais uma vez, seu espírito realizador e sua vivência nas artes, passou a comandar as festividades realizadas naquele educandário, especialmente nas datas comemorativas do Dia das Mães, Dia dos Pais, “Dia da Independência, Dia da Criança, Natal e em todas as épocas às quais os estudantes devessem preservar e homenagear. Recebeu daquele Colégio, pela sua participação nas festividades do seu 1.º centenário, realizadas de 10 a 13 de agosto de 1977, um “Título de Honra ao Mérito”.

No decorrer dos quatro anos nos quais esteve à frente do citado Conselho, realizou incontáveis representações de arte, criando, inclusive, um coro infantil, ao qual denominou “Canarinhos & Cigarrinhas”, que foi objeto de referências elogiosas tanto na sociedade paraense, como na imprensa local.

Recebendo o apoio e a colaboração dos demais componentes do “Conselho de Pais”, especialmente da amiga Helena Boulhosa, idealizou e dirigiu diversas outras atividades escolares.

Ao retornar a Manaus, as freiras do Colégio Santo Antônio, em meio a diversas homenagens, ofereceram-lhe um cartão, no dia do seu aniversário natalício, no qual escreveram:



Maria Izabel Desterro e Silva (ao centro), com irmãs Dorotéias do Colégio Santo Antônio, em Belém (PA).

Belém, 25/03/979.

Querida Maria Isabel.

Parodiando a frase do Dr. Yomar: “antes que a loteria existisse, eu achei meu bilhete premiado”, o Santo Antônio usufruiu deste “eureka” por algum dom de uma vida a transmitir alegria e paz aos que, através do seu convívio, se tornaram seus verdadeiros amigos.

O carinho das Irmãs Dorotéias do Colégio Sto. Antônio.

Trabalhos artesanais

Ante os diversos cursos de artesanato dos quais constantemente participou e a sua natural tendência ao domínio das artes, aproveitava seus momentos livres para a confecção de produtos artesanais, que eram quase sempre oferecidos a amigas, em aniversários e épocas natalinas; e, principalmente, a bingos e obras cuja receita fosse destinada ao auxílio aos mais necessitados.

Bastante diversificados os trabalhos que realizava, eles abrangiam a pintura em madeira, tecidos, louças, vidros e espelhos; bordados em pontos-de-cruz; e pirogravuras em couro, na confecção de quadros e marcadores de livros.

Realizados com esmero e bom gosto, os artigos que produzia tinham por tema, na maioria das vezes, a criança, que sempre recebeu, em toda a sua vida, atenção e cuidado especiais.

Atividades na Secretaria de Educação e Cultura

Ao ser nomeada, em outubro de 1953, Regente de Canto Orfeônico do Departamento de Educação e Cultura do Estado, o Governador do Amazonas era o Dr. Álvaro Maia, homem brilhante e que, extremamente dedicado à literatura e às artes, sempre assistia aos eventos musicais ocorrentes em Manaus. Nessas ocasiões, teve oportunidade de ver Maria Izabel executar ao piano, com seu talento, as mais variadas composições clássicas.

Acompanhada de sua tia Alina Ferreira, ela foi ao palácio governamental agradecer sua nomeação.

Quando manifestava esse agradecimento, Álvaro Maia, bem ao seu jeito, disse que, ao invés de um “Muito Obrigado”, preferia que a Maria Izabel agradecesse de outra forma. Chamando, então, um dos seus secretários, mandou que levasse as visitas ao pavimento acima do seu gabinete, onde havia um belo piano de cauda, a fim de que Maria Izabel executasse algumas músicas, para ele ouvir em seu gabinete de trabalho. E ela tocou piano, efetivamente, durante cerca de duas horas.

Logo após assumir essa função, que incluía a direção da Coordenadoria de Música no Estado, apresentou um trabalho substancial com as linhas mestras das atividades que deveriam ser desempenhadas visando à introdução ou ampliação da música nas escolas e em locais públicos.

Dentre os objetivos contidos em seu projeto, defendeu a idéia, demonstrando-a didaticamente, de que, através da análise de hinos e canções folclóricas, as crianças amazonenses poderiam melhor aprender não somente os fatos e datas marcantes da História do Amazonas e do País, como ainda o português e a matemática; opinou pela criação de cursos de regência de canto orfeônico destinados às professoras das escolas primárias; e sugeriu a criação de fanfarras e bandinhas rítmicas nas escolas públicas e a apresentação da banda da Polícia Militar do Estado nos bairros, como formas de incentivo à cultura popular.

Em 5 de setembro de 1959, atendendo recomendação do Cônego Walter Nogueira, então Secretário de Educação e Cultura, teceu considerações e apresentou sugestões objetivando a aplicação, no Amazonas, do contido nas Portarias n.ºs, 4 e 5, de 8.5.59, baixadas pelo Prof. Otacílio de Souza Ferreira, Diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, as quais resultaram das conclusões da Primeira Reunião Consultiva de Conservatórios de Canto Orfeônico.



Trabalhos de pirogravura em couro realizados por Maria Izabel Desterro e Silva.



Pinturas em vidro e em espelho de autoria de Maria Izabel Desterro e Silva.



ESTADO DO AMAZONAS

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR E JUSTIÇA

3055

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, faz saber aos que o presente virem que, por Decreto desta data, foi nomeada MARIA IZABEL FERREIRA XAVIER, para exercer, efetivamente, o cargo de Regente do Canto Orfeônico do Departamento de Educação e Cultura, nos termos do art. 15, item II, da Lei nº 494, de 16 de Dezembro de 1949, que se acha vago.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, em Manaus, 24 de Outubro de 1953.

Alvaro Botelho Maia
ALVARO BOTELHO MAIA

Governador do Estado

Manuel Severiano Nunes
MANUEL SEVERIANO NUNES

Secretário de Estado do Interior e Justiça

Cf.

Registre-se e anote-se

Em 29.10.70
Obr. Saulkull Leigh

Em 31.10.70
Diretor de Ensino

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Protocolado sob n.º 10.114/70
Em 31.10.70
Assinatura

SECRETARIA GERAL DO ESTADO

Registrado a fl. 85 v. do livro competente. 04

Diretoria de Ensino, Manaus, 31.10.70

Outubro de 1970
Saulkull Leigh

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DO AMAZONAS

Registro nº

Diretoria de Ensino, Manaus, 31.10.70

Michele Comte

DIRETORIA GERAL DE FAMILIA

DEPARTAMENTO DE FAMILIA

Em 29.10.70

Assinatura

Assinatura

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Registro nº

Registrado a fl. 17 v. do livro competente.

Secretaria de Educação e Cultura,

em Manaus, 11 de Novembro de 1970

Assinatura

Al. 2.ª SECC.ª
Assinatura

Unidade
2.ª Secc.ª em 11/11/70
Assinatura

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Assinou termo

Secretaria de Educação e Cultura,

em Manaus, 11 de Novembro de 1970

Assinatura

Havendo sido designada, pelo Secretário de Cultura Dr. José Maria Cabral Marques, em 9 de abril de 1971, para coordenar um Grupo-Tarefa destinado à elaboração de um Programa de Educação Musical dessa Secretaria, propôs, com o necessário detalhamento, a realização de cursos de música e apresentações públicas de arte, capazes de estimular, especialmente no espírito dos estudantes amazonenses, um verdadeiro sentido de cidadania.

Se, ainda sob o aspecto técnico, continuamente emitia suas opiniões acerca da aplicação da música no Amazonas, como fator de educação escolar e do povo, foi na prática, junto às escolas e em apresentações públicas, que melhor fixou sua marca de artista e realizadora.

Dedicando-se a constantes visitas aos colégios, onde orientava as professoras quanto ao seu desempenho na área da música, coordenou e levou a efeito, em 1971, um programa ao qual denominou “Cidade que Canta”.

A par desse desempenho, realizou, pelo Departamento de Educação e Cultura do Estado, diversas apresentações públicas, dentre as quais as mencionadas a seguir merecem destaque.

No dia 7 de Setembro de 1954 levou ao público uma hora de arte no Teatro Amazonas, comemorativa da Independência do Brasil, constituída de cânticos, coro falado e bailados, apresentados pelos alunos dos Grupos Escolares “Princesa Isabel”, “Barão do Rio Branco”, “Ribeiro da Cunha” e “Murilo Braga”.

Em homenagem à criança, apresentou, em outubro de 1955, uma festa artística, com outros quatro Grupos Escolares.

Sob sua direção e com a colaboração de Jerusa Mustafá – pianista que há longos anos vem oferecendo o concurso de sua arte em inúmeras apresentações, bem como no acompanhamento da extinta Escola de Dança de Arnaldo Peduto e do “Coral João Gomes Júnior” –, foram apresentados no auditório do “Grupo Escolar Princesa Isabel”, a 23 de junho de 1967, vários cantos orfeônicos próprios da época junina. Nessa oportunidade, nada menos que 600 crianças, dos Grupos Escolares “Princesa Isabel”, “Barão do Rio Branco”, “Nossa Senhora da Divina Providência” e “Saldanha Marinho” compuseram esse Coral.

Sua maior, grandiosa e extraordinária obra na Secretaria de Educação e Cultura e um dos fatos marcantes de sua vida foi, sem qualquer dúvida, a coordenação e direção do “1.º Festival de Corais e Bandinhas Rítmicas”, realizado de 22 a 29 de novembro de 1971.

Desse Festival constaram concursos de corais infantis, bandinhas rítmicas infantis e corais de escolas ginásiais,

tocatas pela banda da Polícia Militar do Estado, ginástica rítmica, etc.

Precedida de um projeto perfeitamente delineado e de um trabalho incansável, que incluiu um curso prévio de princípios básicos de regência a professoras selecionadas nas escolas participantes do evento e a obtenção da colaboração de entidades públicas e empresas privadas, a abertura desse Festival, que teve como palco a antiga Praça General Osório, em frente ao Colégio Militar, foi um espetáculo soberbo. Complementando um desfile de bandeiras das escolas, uma saudação ao Festival em quatro vozes, ginásticas rítmicas levadas a efeito por alunos do curso primário da Escola R. General Sampaio e execuções musicais da Banda do Batalhão de Infantaria da Selva, o Hino do Amazonas e a canção "Manaus - 300 anos", foram apresentados, em coro, por nada menos que 2.000 crianças e adolescentes de 26 Grupos Escolares, 5 Escolas Reunidas e 9 Escolas Ginasiais.

Para estar em dia com o que se passa no Brasil e no Mundo, leia o excelente serviço telegráfico de O JORNAL e DIÁRIO DA TARDE.

600 CRIANÇAS, EM CÔRO, CANTARÃO AMANHÃ

Em festa a ser realizada amanhã, às 8,30 horas, no auditório do Grupo Escolar "Princesa Izabel", alunos dos Grupos Escolares "Princesa Izabel", "Barão do Rio Branco", "Nossa Senhora da Divina Providência" e "Saldanha Maranhão" terão oportunidade de fazer sua apresentação ao Sr. Secretário de Educação e Cultura, sob a direção das conceituadas professoras Maria Izabel Destêrro e Silva e Jerusa Mustafa, Regentes de Canto Orfeônico em nossa

Capital. Através das vozes de 600 escolares, serão apresentados vários números orfeônicos próprios da época junina. A professora Lina Borges de Sá, na oportunidade, pronunciará ligeira palestra dizendo da importância do Canto Orfeônico nas escolas primárias. O programa em si, que se auspicia de pleno sucesso e beleza, será encerrado com uma dança típica própria da temporada.

Esses 2.000 estudantes mantiveram-se com garbo e entusiasmo, todos eles vestidos com suas mini-becas, naquele espetáculo extraordinário. E ao alto, bem ao alto e à sua frente, com os gestos de mãos e a sensibilidade que somente os verdadeiros artistas sabem ter, regia-os, serena e conscientemente, Maria Izabel Desterro e Silva.

Anos após, com o intuito de melhor dedicar-se a seu marido e filhos e à Escola Musical que dirigia, afastou-se desse cargo. Ainda assim, sempre era convidada a fazer parte de trabalhos e programas, particularmente sobre a música, promovidos pelo Governo do Estado do Amazonas, como ocorreu em 1990, quando participou da equipe encarregada de definir a pauta de atividades artísticas do Teatro Amazonas.

A Educação Musical

Nascida e criada em uma família dedicada ao Ensino e à Arte, desde cedo revelou as condições necessárias ao prosseguimento dos propósitos das gerações que a antecederam, tanto que, ainda bem criança, gostava de assistir, acompanhada de sua tia Alina Ferreira, os recitais artísticos que ocorriam em Manaus. Sua presença nessas ocasiões várias vezes causou admiração aos que a viam, embora tão pequenina, quieta e atenta, ouvindo as audições.

Iniciando seus estudos de piano com apenas 5 anos de idade, em 18 de dezembro de 1934 prestou exame de conclusão na primeira classe, quando obteve Grau 10 e Louvor, atribuídos por uma banca examinadora da qual constava, entre outros, o maestro João Donizetti, que, no dizer de Genesino Braga, em *“Chão e Graça de Manaus”*, *“era completo: tocava todos os instrumentos.”*

Em 25 de março de 1935, dia em que completava somente 6 anos, participou de um recital pianístico, sob o título “Hora Musical Infantil”. Nessa sua primeira apresentação pública executou a peça “Mazurka”, de Schmoll.

Dedicando-se ao estudo de piano durante várias horas por dia, em pouco tempo tornou-se uma virtuosa, com excelente domínio técnico e capacidade de conduzir os sentimentos nas pontas dos dedos.

Mantendo-se continuamente desenvolvida e sensível, passou a participar, desde a infância e juventude, de apresentações artísticas em diversos palcos e auditórios, principalmente no Teatro Amazonas e Sociedade Amazonense de Professores, além de belos saraus em residências familiares, que marcaram a história musical na Manaus de antigamente. Suas execuções ao piano eram constantemente objeto dos maiores elogios de quantos a assistiam e apreciavam a segurança, habilidade e destreza com que ela traduzia as músicas de grandes compositores universais.

Dentre os inúmeros programas de recitais ainda hoje existentes, dois deles sobressaem, ambos executados no Teatro Amazonas, quando ainda contava 15 e 16 anos de idade, bem demonstrando o grau de sua capacidade como pianista.

No primeiro, realizado em 19 de março de 1944, executou “Prelúdio, op. 28, n.º 3” e “Noturno, op. 55 n.º 1”, de Chopin, um dos seus compositores preferidos; “Berceuse”, de Barrozo Neto; “Canto Popular”, de Mendelssohn; e “Tarantela”, de Heler. No segundo, em 14 de agosto de 1945, apresentou “Polonaise, op. 26 n.º 1”, “Prelúdio, op. 28 n.º 4” e “Valsa, op. 42”, todas de Chopin; “Por quê?”, de Custódio Góes; “Serenata, op. 15 n.º 1”, de Mozskowski; “Autumn, Etude de Concert n.º 2”, de Chaminade; “Romance, op. 71 n.º 1”, de Artur Napoleão; “Melodia Húngara n.º 3”, de Liszt; e a quatro

mãos, com a companhia de Ivette Freire Ibiapina, sua colega de estudos e amiga, a "Sonata Quase uma Fantasia, op. 27, nº 2", de Beethoven.



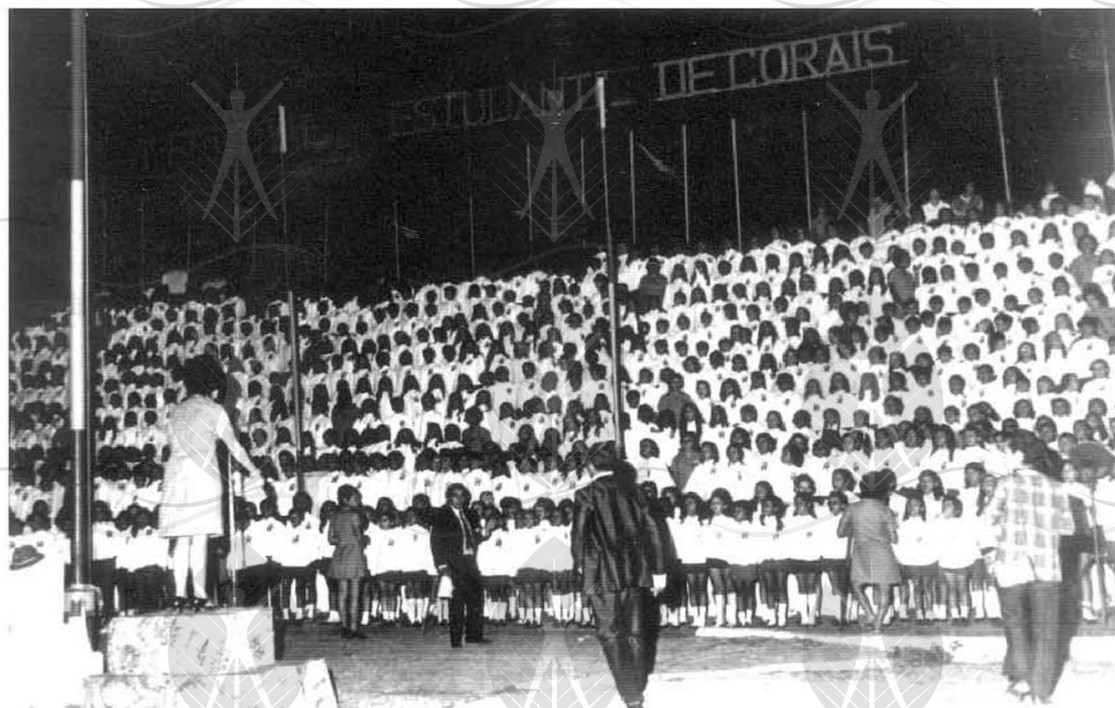
PROGRAMMA

| | |
|---|---------------------------------------|
| 1—Schmoll—Mazurka. | M. Izabel F. Xavier |
| 2—Schmoll—Melodia. | Valencia Oliveira Antunes |
| 3—4 Mãos. | M. Alice Barroco e Elsa Köehler |
| 4—Schmoll—La Bouquelière (Valsa) | M. P. Socorro C. Antony |
| 5—4 Mãos. | M. Thereza F. Ferreira e Elsa Köehler |
| 6—E. Diet—Tamboril. | Alberto Alvim |
| 7—Schmoll—La Glissade. | M. Thereza Nobre da Silva. |
| 8—4 Mãos. | Derocilia S. Gomes e Affonsina Alvim |
| 9—Schmoll—Helena (Valsa). | Creusa Laranjeira da Rocha |
| 10—Schumann—O Camponez volta do trabalho. | Edilia Soares Ramos |
| 11—F. B. Binet—Trepadeiras | Affonsina Alvim |
| 12—Gabriel Marie—La Cinquantaine. | Deyse Benayon |
| 13—Schumann—San Nicolás. | Ruth Drayer |
| 14—Braga (F) Serenata | Elsa Köehler |

O seu desempenho como pianista, no decorrer de vários anos, foi objeto de referências elogiosas de vários artistas que vieram a Manaus, como Paulo Burgos, Louise Bonnet, Arnaldo Rebelo e Oriano de Almeida, entre outros.

Após o cumprimento de todas as etapas, no dia 31 de agosto de 1951 prestou o seu exame final em uma banca composta de 19 examinadores, os quais declararam: "Julgamos aprovada com distinção". Seu diploma de conclusão do curso de piano está registrado no Cartório do Registro Especial de Títulos e Documentos, sob o n.º 12.317, no Livro B, n.º 26 de Transcrições Integrais, com data de 22 de novembro de 1951.

Antes, ainda, de completar os seus estudos, já apresentava domínio absoluto do teclado e interpretação puríssima e sensibilidade requintada, espelhadas na sonoridade, colorido e limpidez técnica, dando a impressão de que transportava para o piano sua própria alma de artista.



Flagrante do "1.º Festival Infantil de Corais", sob a regência de Maria Izabel Desterro e Silva.

A Escola Musical “Anna Carolina”

A vida de Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva está intrinsecamente ligada à “Escola Musical Anna Carolina”. Em seus primeiros anos, como aluna, quando teve oportunidade de representá-la, com sucesso, executando inicialmente músicas simples; e, com o passar do tempo, obras de apurada técnica, que dela exigiam conhecimento, habilidade e destreza. Algum tempo depois, passou a dirigi-la, juntamente com a sua tia Alina Ferreira; posteriormente, esta lhe passou o comando da Escola.

Sob sua direção, a Escola atingiu o apogeu, alcançou o extraordinário.

A realidade é que herdara de seus antepassados não apenas o gosto pela música, como a capacidade e o prazer de ensinar. Preferia transmitir seus ensinamentos a crianças, desde, normalmente, seis ou sete anos de idade, as quais acompanhava durante todos os anos seguintes, até que concluíssem seus cursos ou, em virtude de outras obrigações, em geral escolares, não dessem continuidade a seus estudos.

Constantemente não apenas manifestava essa sua preferência, mas se preocupava com o fato de não vir sendo cultivado, entre elas, o gosto pela arte musical. Ao jornal “A Crítica”, em sua edição de 30 de julho de 1993, declarou:

Já não se vê as crianças aprendendo temas regionais da cultura brasileira. E a atividade do canto, tão importante para o desenvolvimento intelectual e artístico, perdeu espaço para outras programações.

No início e final de um artigo publicado em 30 de novembro do mesmo ano, no caderno “Arte Final”, do

matutino "Amazonas em Tempo", ela escreveu, sob o título "A fácil-difícil arte de ensinar":

Em seus gestos, em seus desejos e em seus sonhos, a criança revela, a todo instante, o seu mundo interior. E esse mundo, ao mesmo tempo simples e sublime, é o da brincadeira.

PROGRAMA

I Parte

BEETHOVEN — Sonata - Aurora. Elsa Theophilo
Alegro com brio
Adagio molto
Rondo - Alegreto moderato.
Prestissimo

II Parte

CHOPIN { — Prelúdio. op. 28 n.º 3 . . . Maria Isabel F. Xavie
| Valsa. . . op. 69 n.º 2 . . . Maria Angela Nobre
| Noturno. op. 55 n.º 1 . . . Maria Isabel F. Xavier
— Polonaise. n.º 1 . . . Yvette Freire Ibiapina
— Noturno. op. 15 n.º 2 . . . Elsa Theophilo
— Grande Valsa Brilhante Helena Nunes

III Parte

BEETHOVEN — Rondo em dó maior. . . Yvette Freire Ibiapina
BARROZO NETTO — Berceuse . . . Maria Isabel F. Xavier
— Improviso. . . Helena Nunes
CUSTODIO GOES — Valsa Triste . . . Yvette Freire Ibiapina
MENDELSSOHN — Canção da Primavera. Gilberto Barbosa
— Romanza. . . Helena Nunes
— Canto Popular. . . Maria Isabel F. Xavier
SCHUBERT — Improvto em lá bem l. Yvette Freire Ibiapina
RUBINSTEIN — Estudo em sol maior. . Elsa Theophilo
HELER — Tarantela. . . Maria Isabel F. Xavir
FAULHABER — Valsa Caprice . . . Jacyra C. Gonçalves
GODARD — 5ª Valsa Cromática. . . Yvette Freire Ibiapina
LISZT — Caça Selvagem. . . Elsa Theophilo

A Escola Musical Anna Carolina cumpre, assim, o seu papel: o de unir ao mundo das brincadeiras o mundo encantador dos sons, do dedilhar as notas musicais; e, sobretudo, o de transformar o piano em

um bom e generoso amigo, capaz de atribuir àqueles gestos, desejos e sonhos, os acordes mais sentidos e mais belos."

PROGRAMA

I Parte

| | | |
|--------|--|----------------------------|
| | Polonaise op. 26 n.º 1..... | Maria Isabel F. Xavier |
| | Prelúdio (op. 28 n.º 20.....) | |
| | Prelúdio op. 28 n.º 4..... | Yvette Freire Ibiapina |
| CHOPIN | Nocturno op. 9 n.º 2..... | |
| | Valsa n.º 14 (Posth.)..... | Gilberto Alexandre Barbosa |
| | Mazurka op. 23 n.º 4..... | Yvette Freire Ibiapina |
| | Valsa op. 42 | Maria Isabel F. Xavier |
| | Fantasia-Improvisu op. 66 (Posth.) | Yvette Freire Ibiapina |

II Parte

| | |
|--|----------------------------|
| ALBERTO NEPOMUCENO—Improvisu op. 27 n.º 2— | Yvette Freire Ibiapina |
| BARROSO NETTO—Cavalinho de pau— | Gilberto Alexandre Barbosa |
| CUSTÓDIO GÓES—Porque?— | Maria Isabel F. Xavier |
| CLAUDE DEBUSSY—Deux Arabesques— | Yvette Freire Ibiapina |
| MOZSTOWSKI—Serenata op. 15 n.º 1— | Maria Isabel F. Xavier |
| CHAMINADE—"Autumn" Etude de Concert n.º 2— | Maria Isabel F. Xavier |
| BACHMANINOFF—Prelude op. 3 n.º 2— | Yvette Freire Ibiapina |
| ARTUR NAPOLEÃO—Romance op. 71 n.º 1— | Maria Isabel F. Xavier |
| BACHMANINOFF—Polchinello— | Gilberto Alexandre Barbosa |
| LISZT—"5e Rapsodie Hongroise"— | |
| Héroico—El ghaque— | Yvette Freire Ibiapina |
| Melodia Húngara n.º 3— | Maria Isabel F. Xavier |

III Parte

(Piano à quatro mãos)

| | |
|--|------------------------|
| BEETHOVEN—SONATA QUASI UMA FANTASIA, op. 27 n.º 2— | Maira Isabel F. Xavier |
| Adagio Sostenuto | |
| Allegretto e Trio | e |
| Presto agitado | Yvette Freire Ibiapina |

Ainda bem antes, em 06 de outubro de 1962, nos festejos comemorativos da Semana da Criança, proferiu uma palestra na Rádio Baré, sob o tema "A Criança e a Música".

Dentre as inúmeras crianças a que se dedicou, registra-se a presença de uma de nossas filhas, Isabel Cecília, que, após 4 meses de estudos e ainda com 6 anos de idade, se apresentou ao público, pela primeira vez, no auditório do Colégio Santa Dorotéia, de Manaus. Em 28 de novembro de

1970, o Teatro Amazonas foi palco de seu primeiro recital de piano, aos 9 anos de idade, quando, em meio a composições de Handell, Czerny, Schumann, Burgmuller, entre outros, executou uma música ligeira de sua própria autoria, a qual denominou “Brincando de Esconder”. Posteriormente, em 19 de junho de 1972, ao paranimfar uma nova turma, composta de 25 alunas e da qual fez parte sua irmã Fabíola Xavier Desterro e Silva, executou “Tarantela em La Bemol Maior”, de Heller.

Maria Izabel teve oportunidade, também, de ensinar piano à sua neta Isadora Desterro e Silva Xavier, que, em 21 de dezembro de 1997, com 7 anos, foi debutante pianística.

Ao longo de décadas, a sua atividade artística foi assumindo, constantemente, maior desenvoltura, em virtude, sobretudo, de sua capacidade criadora e seu empenho em transmitir, às novas gerações, o gosto pelas Artes, particularmente a Música. Não se limitando apenas ao ensino de piano, suas aulas eram complementadas com Teoria, Solfejo, Harmonia, História da Música e Canto Orfeônico.

Vários foram os palcos nos quais apresentou festas artísticas, em especial recitais de piano. Dentre eles: Teatro Amazonas; Sociedade Artística do Amazonas; Auditório “Gilberto Mendes de Azevedo”, da FIEAM; Espaço Nobre “Cláudio Santoro”; Centro de Artes da Universidade do Amazonas – CAUA; Auditório “João Donizetti”, no CECOMIZ; Colégio Santa Dorotéia; Associação Atlética Banco Brasil; e Centro de Artes “Hahneman Bacelar”.

Além do Teatro Amazonas, ante a sua tradição, beleza e imponência, Maria Izabel demonstrava grande entusiasmo pelo desempenho da Escola “Anna Carolina” no Espaço Nobre “Cláudio Santoro”, nos anos de 1992, 1993 e 1994. O motivo dessa predileção era o de que esse Espaço estava situado no Amazonas Shopping Center, ocasionando a presença de gente

do povo, pessoas simples que ali transitavam, oferecendo-lhes a oportunidade de conhecer e apreciar a música erudita.

Com sua intenção, sempre presente, de disseminar o conhecimento musical entre os assistentes dos recitais, em várias oportunidades, ao início ou em meio deles, ela fazia rápidos pronunciamentos, esclarecendo sobre o estilo e os aspectos fundamentais das peças então apresentadas, bem como sobre as vidas de seus compositores, das quais tinha amplos conhecimentos.

Exemplo disso são as palavras ditas em um dos recitais que dirigiu no Espaço “Cláudio Santoro”, cuja primeira parte era constituída de sonatas e sonatinas; e a segunda, apenas de execuções a quatro mãos. Nessa ocasião, discorreu sobre as características básicas desses temas musicais e ainda quanto à história dos duetos, muito apreciados na corte de Elizabeth I, executados por Mozart e sua irmã em suas “tournées” pela Europa e bastante cultivados por Franz Schubert.



Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva e Ivete Freire Ibiapina, executando uma música a quatro mãos.



Maria Izabel F. X. Desterro e Silva, após a apresentação de um recital de piano no Teatro Amazonas.

TEATRO AMAZONAS

Escola Musical "ANA CAROLINA"

1.º Recital de



Isabel Cecília X. Destêrro e Silva

Aluna da professora

Maria Isabel Destêrro e Silva

Manaus, 28 de Novembro de 1970

Da herança musical de sua família constavam, como parte considerável de seu valor, as amizades de ilustres musicistas, destacadamente de Arnaldo Rebello, bastante ligado especialmente à D. Alina Ferreira e à D. Regina Ferreira Xavier, com a participação das quais realizou memoráveis reuniões voltadas à música; e, sobretudo, Lindalva Cruz. Pianistas de escola, eram, ambos, compositores de belíssimas peças para piano, marcadas pelos temas amazônicos.

Na realidade, a presença de Lindalva Cruz na Escola Musical “Anna Carolina” foi bastante proficiente e duradoura, estendendo-se por longos anos, até o seu falecimento.

Sempre que vinha a Manaus, Lindalva Cruz participava das atividades da Escola, havendo, por diversas vezes, composto as bancas examinadoras instaladas para o julgamento das alunas. Em uma dessas ocasiões, em outubro de 1955, ofereceu uma taça à Escola Musical, homenageando-a.

Ante tudo o que ela representou para a história da música no Amazonas, Maria Izabel fazia questão de tê-la presente nas festas artísticas que apresentava e de, nessas ocasiões, reverenciá-la publicamente, como o fez no dia 02 de outubro de 1993, com um recital no “Espaço Nobre Cláudio Santoro”, que denominou “Noite Amazônica” e no qual apresentou, de autoria do músico e professor Alexandre Rayol, a polca “Manãos Chic” e a valsa “Nid D`Amour”. Homenageou-a, igualmente, em 1995, quando do encerramento do 61º ano de fundação da Escola; e em festa artística levada a efeito em 26 de novembro de 1998.

Em uma dessas homenagens, pronunciou as seguintes palavras:

A Música, todos sabemos, une, irmana. Os sons e as notas são os elos dessa corrente infinita e bela.

Lindalva Cruz é, para mim, a confirmação disso. Desde pequena, acostumei-me a admirá-la e a lhe querer bem. Já são, hoje, cinco gerações: da minha avó, Idalina Cândida de Carvalho Ferreira, criadora da “Escola Musical Anna Carolina”, à pequenina Isadora, minha neta.

Não apenas nas ribaltas dos teatros e nos ambientes finos dos saraus antigos; mas ainda nos palcos de nossas vidas, em torno da música, Lindalva Cruz sempre esteve presente. Presente em suas execuções de mestra, presente com suas composições perfeitas, com o sentido amazônico do seu berço e de suas primeiras lembranças.

Cinco gerações, repito. Cinco gerações, nas quais nossa querida Lindalva Cruz, que orgulha o Amazonas, tem sido, para mim, um pouco desse Amazonas. É que as músicas que executa e compõe assemelham-se ao barulho das selvas e dos rios; dos rios que, subjetivamente, são braços que lhe abraçam em sinal de agradecimento pelo que ela representa para a nossa terra e para todos nós.

Maria Izabel Desterro e Silva realizou-se com a arte, em suas diversas facetas. Em verdade, a Arte foi o seu mundo.

No decorrer de sua vida, pródiga em beleza, foram centenas as suas alunas; e centenas foram, também, as apresentações públicas dessas alunas. Alunas às quais permanentemente transmitia não somente seus conhecimentos musicais, mas, ainda, a sua veemência, seu gosto apurado e seu jeito vibrátil de ser. Entusiasmava-as, especialmente às crianças bem pequenas, dando-lhes

oportunidade de, valdosas e felizes com seu desempenho, se apresentarem, nos mais diversos palcos, a seus pais e familiares. Demonstrava, assim, sua capacidade de ensinar, aplicando a técnica do incentivo.

Escola Musical "Anna Carolina"

AUDIÇÃO DE PIANO

das alunas da Professora
Maria Isabel Destêro e Silva

*Homenagem à
Professora e Compositora*



LINDALVA CRUZ

Local: Auditório do Centro de Artes
da Universidade do Amazonas
Dia: 26 de novembro de 1998 (quinta-feira)
Hora: 18h30
Manaus — Amazonas

Aspecto destacado de sua personalidade era o de saber facilmente conquistar, em suas alunas, a admiração pessoal e a credibilidade, de tal forma que não eram poucos os pais que lhe pediam, principalmente quando suas filhas se

tornavam jovens púberes, que a Maria Izabel as orientasse, no compartilhamento de suas dúvidas e inquietações, tão próprias da adolescência. Nela ressurgia, nessas ocasiões, a mãe amiga.

Essa amizade diversas vezes se refletiu em declarações de apreço de suas educandas, que lhe ofereciam, em datas especiais, carinhosos cartões revelando o seu querer bem e lhe almejando felicidades. Entre essas manifestações, sempre guardadas por ela, encontra-se esta mensagem publicada em um matutino local, no dia 11 de maio de 1986, pela passagem do Dia das Mães: *“MARIA IZABEL DESTERRO E SILVA: não sou tua filha, mas te desejo um Dia das Mães de amor. MÁRCIA ELIZABETH.”*

Foram várias as suas alunas de piano que estudaram durante anos seguidos, atingindo um patamar técnico apreciável. Dentre elas, é válido citar-se Adele B. Schwartz, Márcia Gabriela Silva, Lia de Vasconcelos Dias Mendonça, Narjara Praxedes, Martha de Sá Rech, Raquel Oliveira, Neila e Márcia Ribeiro Hage, Larissa e Lorraine Atala, Paula Célia Dias Menezes, Ana Paula Costa Marques e as irmãs Ana Elise e Marilise Katsurayama.

Registro especial merece a presença, entre essas alunas, de Vanessa Silva Monteiro, que, em abril de 2001, foi aprovada, em 1.º lugar, no Exame de Habilitação para Piano realizado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Havendo contraído matrimônio, em 05 de setembro de 2005, com um rapaz espanhol, mudou-se, já com o nome Vanessa Monteiro Calles, para o país de origem do seu marido, onde passou a demonstrar sua capacidade artística e a qualidade do ensino que lhe fora ministrado. O resultado é que aquela garota que começara a estudar piano com Maria Izabel aos 6 anos de idade e apresentara um recital dois anos depois, honra a Escola Musical “Anna Carolina” em terras

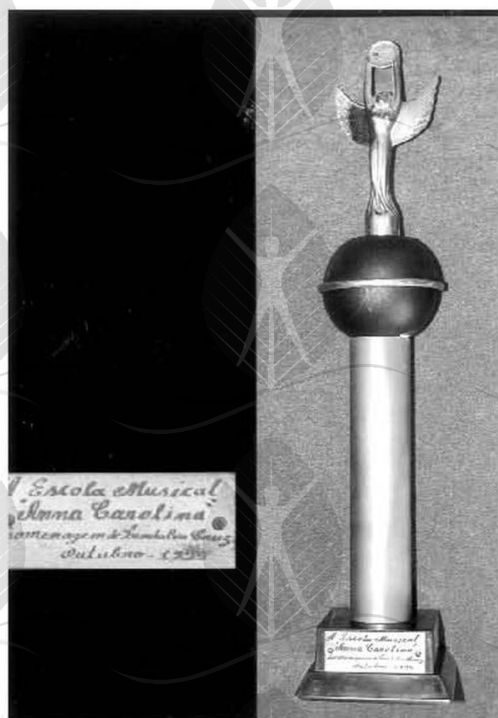
castelhanas: após submeter-se a rigorosos exames, hoje cursa o Conservatório Superior de Música de Salamanca, um dos mais respeitados Conservatórios não somente da Espanha, mas de toda a Europa.

Durante seguidos anos, Maria Izabel Desterro e Silva organizou e dirigiu incontáveis apresentações artísticas, particularmente as comemorativas de datas especiais, como o aniversário da Escola, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Professor, Dia da Música (22 de novembro, data de Santa Cecília, padroeira da Música), Semana da Pátria, épocas juninas e natalinas, etc. Independentemente delas, brindava a platéia amazonense com recitais constantes, dos quais participavam tanto as educandas das primeiras notas musicais quanto as que já haviam alcançado um patamar técnico apurado.

Procurando manter vivo o interesse de suas alunas pelas artes, com ênfase à Música, bem como o das pessoas que lotavam os auditórios, Maria Izabel, com sua imaginação fecunda, constantemente elaborava novas formas de apresentação de suas festas artísticas, concebendo hinos e canções e produzindo textos e arranjos em coros falados, corais, jograis, etc. Nessas oportunidades, demonstrava seu apuro musical e sua capacidade inventiva e edificante.

Dentre suas abundantes criações, promoveu uma “Ciranda Junina”, arranjo de sua autoria, em que 50 alunas da Escola entoaram cânticos juninos sob sua regência.

Comemorando o 26.º aniversário da Escola Musical “Anna Carolina”, realizou, em 30 de julho de 1960, uma admirável festa artística, na qual apresentou uma peça musical por ela própria concebida, intitulada “Uma Aula de Teoria da Música”, contendo, como personagens, Professoras, Alunas, Arautos, Rainha Música, Damas, Pentagrama, Notas, Pausas e Figuras, Compassos e Acidentes Musicais.



Taça oferecida pela pianista e compositora Lindalva Cruz à Escola Musical "Anna Carolina".



Ao centro, a Compositora Lindalva Cruz e a Professora Maria Izabel Desterro e Silva, com um grupo de alunas da Escola Musical "Anna Carolina".

III.ª PARTE
BANDINHA RÍTMICA — (70 figuras)

TRIÂNGULOS

Jacilena Catunda
Eliete Sílvia Santos
Ana Paula C. Marques
Liana Pêres
Renata Krichan
Yara Leila Gonçalves
Sandra Desidéri Rodrigues
Dávia Neves

CHOCALHOS

Janaina Corrêa
Selenita e Mansueto Boary
Andréa Araújo
Carmenizita Assis
Cristina Saavedra
Nathalie Rocha
Prisha Parvani

PAUSINHOS

Joelma Ferreira
Adriana Taveira
Auxiliadora Benigno
Ana Valéria M. dos Santos
Luciana Barroncos
Sílvia Gabriela Ricker

Giselle D'Ávila Campos
Thamara F. de Souza

PANDEIROS

Silvana Keila Lobato
Valéria Maciel
Luciana Tuma
Janaina Bezerra
Henrique Saunier
Ana Walfrida Soares
Paula Andréa G. Batista
Renata Berutti
Ana Paula Xavier
Alexandra Paiva

CASTANHOLAS

Fernanda Fidélis
Helen Regina Pinto
Ana Karina Brasil
Liliane M.ª Pêres
Sandra Cláudia Souza
Mariana Simone Ribeiro
Ursula Santiago
Rosemeiry Mendonça
Regiany Mendonça
Ana Paula Salazar
Leila Barros

CONGUES

Andréa Taveira
Karen dos Santos
Ana Cristina Onety
Regi Helen da Silva
Paula Célia Menezes
Márcia Gabriela Silva.

GANZAS

Sílvia Laureana A. da Silva
Mônica Pimenta
Amillem Arévalo
Míriam Santos
Rita Cristina Corrêa
Ana Laura G. Herrera

MARÁÇAS

Tizias Valle
Carlos Delan Pinheiro

SININHOS

Sônia Theresza Nogueira
Fátima Valéria Marques
Nébia Pereira
Karla Cristina Mendes de Lima
Helen Cristina Gonçalves
Amanda Paula da Silva

TAMBORES

Ronaldo Marrocos
Dilómino Soares

ATABAQUE

Geraldo Antônio Destfiro e Silva

PRATOS

MÔNICA MOTA MAIA

PROGRAMA

P. Walcher — Promenade à Anne
Do Felelore Brasileiro — Cirandamos Cantando...
Regência — Prof.ª Maria Augusta Xavier
Piano — Prof.ª Fátima Xavier Berutti

FINAL

Parabens Escola! canto por todos os alunos

No ano de 1991, ocorrendo o bicentenário da morte de Mozart, Maria Izabel criou o festival “Revivendo Mozart”, em meio a uma série de apresentações públicas que denominou “Pequenos Recitais”. Em 25 de abril desse ano, no “Auditório Gilberto Mendes de Azevedo”, da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas, realizou uma audição em que no final todas as alunas da Escola entoaram cânticos de 3 obras do inolvidável compositor, com arranjos por ela idealizados.

Elaborou o texto e coral de “Cantata para uma Amiga”, cujo arranjo foi apresentado no Teatro Amazonas, em 18 de novembro de 1992.

Em meio aos diversos festejos evocativos do 59.º ano da Escola, realizou, em 31 de julho de 1993, um recital de piano; e, ao final, apresentou um jogral sobre temas folclóricos, com texto e arranjo seus, denominado “Vamos Todos Cirandar?”

A grandiosidade e o ineditismo das apresentações públicas de sua Escola atingiram um grau ainda maior, com

momentos artísticos definitivamente marcantes, quando das comemorações das Bodas de Prata e Bodas de Ouro.

Na passagem dos 25 anos da Escola Musical, levou a efeito um espetáculo no Teatro Amazonas, por ela idealizado e dirigido – redigido pelo autor deste livro – sob o título “Alegoria à Arte”, no qual desenvolveu a História da Arte desde a criação do mundo. Criando a figura da “Inspiração”, desempenhada por uma de suas alunas, que conduz a peça artística, a Inspiração começa a despertar, aos poucos, as musas da Pintura, da Dança, da Poesia e da Música, nos seus mais diversos aspectos, como cânticos, coros falados, bandas rítmicas, fanfarras e execução de instrumentos musicais, sobretudo o piano. Foi, sem qualquer dúvida, uma noite magnífica, na qual os sons, o jogo de luzes e as belezas cênicas demonstraram, a mancheias, a grandeza de uma verdadeira artista.

Ainda festejando a passagem desses 25 anos, Maria Izabel compôs o hino “Parabéns, Escola”, sempre entoado, daí em diante, pelas alunas.

Durante o transcurso do ano de 1984, comemorativo do seu Jubileu de Ouro, tendo como Diretora Honorífica a Prof^a Alina Marçal de Carvalho Ferreira e como Corpo Docente as professoras Maria Regina Ferreira Xavier, Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva – que dirigia a Escola –, Maria de Fátima Xavier Berutti e Maria Augusta Ferreira Xavier, além da Aluna-Mestra Elvina Oliveira, a Escola Musical “Ana Carolina” desenvolveu um farto programa, de memorável grandiosidade, que teve o seu ápice no dia 25 de julho, em uma apresentação no Teatro Amazonas, quando foi promovida a entrega do primeiro livro de piano a 41 iniciantes e da qual participaram mais de cem alunos, setenta dos quais em uma bandinha rítmica regida pela Prof^a Maria Augusta Ferreira Xavier, composta de triângulos, chocalhos, pandeiros,

pauzinhos, castanholas, congüês, ganzás, maracá, sinos, tambores, pratos e atabaques. A produção desse espetáculo foi uma belíssima afirmação da capacidade inventiva e musical de Maria Izabel Ferreira Xavier Desterro e Silva.

Essa capacidade, aliás, também se revelou na prática do ensino.

Procurando dar um especial colorido à etapa da Iniciação Musical, de forma a colher maior entusiasmo de suas pequenas alunas, instituiu um quadro no qual as crianças iniciantes recebiam de suas madrinhas, já componentes do Curso Básico e Debutantes Pianistas, o seu primeiro livro de piano: “Aventuras no País do Som”, de Francisco Russo. Esse quadro, apresentado pela primeira vez na festa comemorativa das Bodas de Prata da E.M.A.C., passou a ser repetido anualmente, diante do sucesso que alcançara. Debutantes e Madrinhas entoavam, em seguida, o canto “Viva o Livro”.

É lícito e justo registrar-se neste livro que, acompanhando os recitais e festividades promovidos pela Escola Musical “Anna Carolina”, sob a direção da Maria Izabel, a imprensa de Manaus sempre deu excelente guarida a essa Escola, noticiando suas realizações, com referências bastante elogiosas. Ofereceram-lhe, por vezes, páginas inteiras, como ocorreu com o matutino “Amazonas em Tempo”, em 22 de julho de 1994, na passagem dos 60 anos de existência deste educandário; e em 27 de julho de 1997, aos 63 anos de sua fundação, sob o título “Anna Carolina Opus 63”.

25 de Julho

DATA COMEMORATIVA DA ESCOLA

PROGRAMA

7,00 hs. — Missa de Ação de Graças, celebrada por
Monsenhor Manuel Monteiro, na Matriz de
Nossa Senhora Aparecida

20 hs. — Sessão solene no Teatro Amazonas

Iª PARTE

a) Apresentação da Solenidade e Palavra de Encerra-
mento dos Festejos — pelo Dr. Mário Jorge Couto
Lopes.

b) Homenagem das ex-alunas:

| | |
|---------------------------------------|------------------------------|
| Liszt — Rapsódia n.º 11 | — Prof. Elza K. da Cunha |
| Beethoven — Sonata quasi uma fantasia | } prof. Yvete Ibiapina |
| — Adagio | |
| (4 mãos) — Allegretto | |
| — Prestissimo | Prof. Maria I. D. e Silva |

IIª Parte

ALLEGORIA A ARTE

| | |
|------------|--------------------------|
| INSPIRAÇÃO | — Maria de Fátima Xavier |
| MÚSICA | — Sybil Vane das Neves |
| PINTURA | — Dalila Queiroz |
| POESIA | — Maria Nazareth Silva |
| DANÇA | — Glorinha Guimarães |

IIIª Parte

PARABENS ... ESCOLA !

(Cantado por todos os alunos)

Às 21 horas e 46 minutos do dia 15 de fevereiro de 2005 acabou-se, dolorosamente, sua vida física.

Como participante da *FAMÍLIA FERREIRA*, essa bisneta de Marçal Gonçalves Ferreira e Libânia Theodora Rodrigues Ferreira enobreceu-a; como criatura, confirmou, de maneira nítida e inarredável, possuir a luminosidade de espírito anunciada dias após seu nascimento. Ratificou-a, sim. E presente, hoje, nos palcos do Tempo, estará recebendo, continuamente, retumbantes aplausos.

Na lápide de seu jazigo não existe nenhuma das frases ou citações bíblicas comumente usadas. Optei por mandar apor, ao lado de seu nome e datas de nascimento e morte, apenas uma Clave de Sol. Entendi que nada melhor haveria para representá-la senão um símbolo, o da Música, que foi uma presença constante em sua existência profícua, fértil e bela. Ainda mais: em acordes de profunda sensibilidade, de intensos encantos e nos sons de lembranças que não apagam, ela se transmudou, sem dúvida, na própria Música, corporificada. Aliás, foi ela mesma quem afirmou, certa ocasião: *“Não nos esqueçamos de que SOM é VIDA.”*

Resta, neste final, uma pergunta: ela terá, efetivamente, morrido?

Não crelo. O que acredito – nisto firmemente acredito – é que ela permanece viva, extrovertida, feliz, vibrátil e musical, nas saudades dos que a amaram e a amam tanto; na memória dos que a conheceram; e nas recordações de suas alunas.

Inteiramente válido é, pois, que se repita, aqui, esta quadra com que Américo Falcão reverenciou, em “Visões de Outrora”, o poeta Augusto dos Anjos, quando de sua morte:

*Profanas! – diz o infinito.
Profanas! – diz o arrebol.
Não morre quem fez um Rito.
Não morre quem fez um Sol.*

Arte Final
Música erudita
Anna Carolina Opus 63

O auditório do Centro de Artes da Universidade de Anápolis abre suas portas, hoje, às 19h30, para sua convidada ilustre: a Escola Musical Anna Carolina que completa 63 anos de fundação e apresenta toda especial audição de piano com alunos selecionados

Arte Final
O público que se reuniu no auditório do Centro de Artes da Universidade de Anápolis para assistir ao recital de piano da Escola Musical Anna Carolina, que completa 63 anos de fundação, teve a oportunidade de apreciar uma excelente apresentação de piano com alunos selecionados.

Anna Carolina
A Escola Musical Anna Carolina, fundada em 1950, é uma das instituições de ensino de música mais tradicionais e respeitadas do Brasil. Sua história é marcada por uma dedicação constante à formação de músicos e à promoção da música erudita.

Programa
O programa do recital inclui obras de compositores brasileiros e estrangeiros, destacando-se a música de Anna Carolina, que será tocada por seus alunos selecionados.

Artista Convidada
A Escola Musical Anna Carolina tem o prazer de apresentar o recital de piano da Escola Musical Anna Carolina, que completa 63 anos de fundação.

REFERÊNCIAS

Andrade – Moacir, “Manaus, Ruas, Fachadas e Varandas”.

Andrade – Moacir, “Colégio Santa Dorotéia – 1910 a 1995”.

Baze – Abraham, “A História do Amazonas”.

Baze – Abraham, “Escravidão – O Amazonas e a Maçonaria Edificaram a História”.

Baze – Abraham, “125 Anos de História (1873 – 1998) – Real e Benemerita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas”.

Bitencourt – Agnelo, Fundação de Manaus – Pródomos e Seqüências”.

Buchmann – A.Buchmann, “Lúcio Costa, o Inventor da Cidade de Brasília”.

Braga – Genesino, “Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem”.

Braga – Genesino, “Chão e Graça de Manaus”.

Costa – Maria Elisa, “Com a Palavra Lúcio Costa”.

Garcia – Etelvina, “Manaus – Referências da História”.

Garcia – Etelvina, “329 Anos de História”.

Lobo – Clóvis dos Reis, “Amazonas Sua História”

Loureiro – Antônio José, “O Amazonas na Época Imperial”.

Melo – Thiago de, “Manaus Amor e Memória”.

Pontes – Pontes Filho, “Estudos da História do Amazonas”.

Portuguesa – Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas, “Flagrantes Históricos”.

Thaumaturgo – Ivna, “A Família de Guizos”.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA